

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Joelmir Mora da Silva

FÉ E CRENÇA, RELIGIÃO E MERCADORIA

SOROCABA/SP
2009

Joelmir Mora da Silva

FÉ E CRENÇA, RELIGIÃO E MERCADORIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof^a Dr^a Olgária Chain Feres Matos
Titulação: Doutora em Filosofia.

**SOROCABA/SP
2009**

Ficha Catalográfica

S58f Silva, Joelmir Mora da
Fé e crença, religião e mercadoria / Joelmir Mora da Silva. --
Sorocaba, SP, 2009.
58 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Olgária Chain Feres Matos
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade
de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009.

1. Comunicação. 2. Religião. 3. Comunicação de massa em
religião. 4. Comunicação de massa – Aspectos religiosos. I. Matoso,
Olgária Chain Feres. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Joelmir Mora da Silva

FÉ E CRENÇA, RELIGIÃO E MERCADORIA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Ass. _____
Pres. Profª Drª Olgária Chain Feres
Matos – Uniso

Ass. _____
1º Exam.: Prof Dr Osvando J de
Moraes – Uniso

Ass. _____
2º Exam.: Prof Dr Edson Teles –
Uniban

|

Dedico este trabalho aos meus pais,
que sempre estiveram ao meu lado,
aos meus irmãos, companheiros e
incentivadores e aos meus filhos,
minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a algumas pessoas com quem durante essa jornada pude compartilhar minhas ideias, dificuldades e opiniões. Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, professora Olgária, que com sua experiência, generosidade e paciência, me ajudou em meu projeto. Agradeço a minha banca de qualificação integrada pelos professores Osvando J Moraes e Edson Teles. O primeiro fez uma leitura pontuada do meu trabalho e apontou erros que deveriam ser corrigidos. O segundo, com seu rigor na leitura do meu trabalho levou-me a pensar muitas coisas, dentre elas uma frase que não esqueci “Estamos num mundo onde nós escolhemos um rumo”. Por último, registro meus agradecimentos ao corpo docente do Mestrado em Comunicação e Cultura que me ajudou a perceber como entender melhor o processo de comunicação e a semiótica da cultura.

|

A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-lo de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso nada ainda. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo.

Walter Benjamin

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar na história da Reforma Protestante o surgimento de ramificações cristãs que se apoiavam nos aspectos morais como dogma para o comportamento humano e sua ascensão ao sagrado que se ramificou nas religiões contemporâneas onde uma parte delas, as quais, atentaram para o “espírito do capitalismo” tem apresentado um crescimento ascendente através dos recursos midiáticos. Objetiva-se ainda apresentar o aspecto histórico da mídia e sua utilização pela liderança religiosa, fazendo um comparativo histórico no Brasil, desde a vinda das igrejas pentecostais, as quais tem o foco maior no arrebanhamento de fiéis através de mensagens calvinistas e pietistas resultantes da crença em relação ao comportamento humano para o sucesso de seus seguidores, tanto nesta vida como numa vida eterna, até a análise no aspecto histórico da mídia em si utilizando literatura especializada que se preocupou com uma leitura da mídia para as massas que subsequentemente vem gerando o crescimento religioso, em relação a proposta do discurso que apresenta a religião como mercadoria fácil de ser adquirida.

Palavras-chave: Religião, Mídia, Capitalismo, Crença, Mercadoria.

ABSTRACT

The intent of this study is to present, in the History of Protestant Reformation, the rising of Christian branches supported by moral aspects, such as dogmas for the human behavior and its ascension to the sacred, which ramified into contemporary religions that turned to the “spirit of capitalism” and have been increasing through media resources. Moreover, it also intends to present the historical aspect of the media and its usage by religious leaderships, making a historical comparison in Brazil, since the rise of Pentecostal churches that focus on the gathering of believers by using Calvinists and Pietistic messages, generating the belief that there is a relation between the human behavior and the success of their followers, both in this and in the afterlife, to the analysis of the historical aspect of the media itself. For this reason, some specialized literature concerning the media for the masses which is resulting in a religious growth was necessary, especially considering the discourse proposal that presents religion as an easy to buy commodity.

Key words: Religion, Media, Capitalism, Belief, Commodity.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar en la historia de la Reforma Protestante, la aparición de las ramas cristianas basadas en la moral como el dogma de la conducta humana y su ascensión a lo sagrado que se bifurcaba en las religiones contemporáneas, que uno de ellos, que cuenta la "espíritu del capitalismo" ha ido creciendo a través de los recursos de los medios de comunicación. Sin embargo cobjetiva presentar el aspecto histórico de los medios de comunicación y su utilización por los líderes religiosos, haciendo una historia comparativa en Brasil, desde la entrada de las iglesias pentecostales, que an tenido el foco en el pastoreo de los fieles a través de mensajes calvinistas y pietistas para el éxito de sus seguidores, tanto para esta vida como para una vida eterna, incluyendo el aspecto histórico de los medios de comunicación en sí mismos utilizando la literatura que examinó el aspecto de los medios de comunicación para las masas y, posteriormente, ha generado crecimiento religioso como un producto fácil de adquirir.

Palabras llave: Religión, Medios de Comunicación, Capitalismo, Creencia, Mercancias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 AS PREFIGURAÇÕES DAS CRENÇAS CONTEMPORÂNEAS:	
AS ANTIGAS SEITAS	23
3 DO FERVOR RELIGIOSO À “SUPERFICIALIDADE” DA CRENÇA.....	36
4 RELIGIÃO, MÍDIA E MERCADO CONSUMIDOR	47
5 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIA	58

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a religião no Brasil contemporâneo no âmbito da multiplicação dos cultos religiosos. Trata-se de verificar, até onde for possível, as razões pelas quais os fiéis migram de uma religião a outra, de valores e comportamentos estabelecidos a situações novas.

Não se pode negar a imensa gama de opções religiosas em que vive o povo brasileiro. Segundo Micheloto (2008), a religião com maior número de fiéis, a Católica, mesmo ainda sendo a maior do Brasil, acabou perdendo muito de seus adeptos, no decorrer dos anos, com a migração destes para outras religiões. A maioria dos que deixaram o catolicismo aderiu às religiões protestantes que trouxeram, de certo modo, as origens da fé primitiva dos atos dos apóstolos, apresentadas no livro sagrado, a Bíblia.

À perda, por parte das instituições religiosas, de algumas prerrogativas que passaram à competência de autoridades laicas¹ e o conjunto de referenciais cognitivos e valorativos que o constituem, embora preponderantes nas análises científicas do fenômeno religioso, são discutíveis e discutidos. (MARTINO, 2003)

Martino (2003) coloca em análise o que hoje existe como crença dentro do fenômeno religioso, uma vez que sucessivas mudanças abalaram as raízes do significado do sagrado. A dimensão dos textos sacros tornou-se algo que pode ser discutido. É o caso do nosso trabalho, pois as mudanças que ocorreram devido ao passar do tempo e à influência do poder político possibilitaram novas visões e entendimentos por parte dos pesquisadores religiosos.²

Observamos que muitas das novas religiões propõem uma alimentação saudável e rejeitam vícios como bebidas alcoólicas e cigarros, formando assim o que esse autor designou como uma programação de conduta individual. Para diversas crenças, isso tornou-se um ponto de fé e prática para aqueles que quiserem ingressar e permanecer nelas. É claro que não podemos generalizar que a fé católica deixou à mercê de sua programação de conduta esse ponto. No entanto, pode-se perceber que a nova linha carismática vem buscando retomar esse aspecto de conduta adotada por muitas Igrejas que se preocupam com o bem-estar de seus fiéis também no aspecto da saúde, condenando o tabagismo e o consumo de bebidas alcoólicas, entre outros temas.

Independentemente de o indivíduo apreciá-la ou não, a instituição existe. Muitas pessoas integram-se a ela pelo desencantamento do mundo ou pelo seu encantamento; outros, sem opção de escolha, crescem nesse meio e se

¹ Que não pertence ao clero ou que não sofre influência ou controle por parte da Igreja. Laico significa “leigo” em latim (laicu), e em grego significa aquele que não é “crente ou religioso” (laïkos). Remete também à separação entre o Divino e o não Divino.

² Trasferetti e Lima (2007) fazem menção às palavras de Martino (2003) no que diz respeito ao cenário religioso de bens simbólicos. A instituição religiosa, que é também uma instituição social, passa a se preocupar com um tipo de “programação de conduta individual” imposta pelo grupo: as pessoas começam a se preocupar em seguir os ensinamentos éticos para a vida diária, familiar e em comunidade.

desenvolvem acreditando ser ela, da maneira imposta em seu aprendizado de conduta, a “verdade absoluta”. Segundo Martino (2003), nada pode se opor a ela senão outra instituição. Dado que ela se estrutura por regras e por coerção, o combate a instituições concorrentes é muito comum, com essa grande migração de fiéis apresentada anteriormente. A “guerra santa” começa a acontecer, uma vez que a preocupação dos líderes religiosos é não perder em hipótese alguma seus fiéis ou os mais fiéis, pois as propostas de salvação mostram-se o mais diversificadas e atrativas possível.

Sob esse aspecto, o que falta é realmente analisar o que é sagrado. E o que realmente é sagrado? Para os cristãos contemporâneos, tal indagação deveria ser feita sempre e mobilizar uma base histórica para a resposta. Por exemplo: O sagrado para um cristão é aquilo que está registrado no livro santo? Ou aquilo que a Igreja apresenta como santo? Ou ainda aquilo que ele interpreta como santo? Estas perguntas podem ter muitas respostas, pois as crenças e as práticas religiosas já foram estabelecidas para nossa geração, porém muitos são os caminhos que nos são apresentados como sagrados, causando esse grande êxodo religioso.

É interessante fazer um parêntese sobre como a ideologia nos orienta e nos faz diferentes uns dos outros, tanto individualmente como coletivamente. Um exemplo é quando estudamos o pietismo e o calvinismo, que defendem o dogma da predestinação e formam adeptos a esse ideal. Entre eles estão os seguidores da fé presbiteriana, que acredita na predestinação³. Contestada por pensadores como Nietzsche (2006), essa noção choca também muitos religiosos, como, por exemplo, os Pentecostais. Eles acreditam que o ser humano tem o livre-arbítrio, a opção entre o bem e o mal, pois os dois são apresentados a ele; a escolha fica por parte da pessoa. Para ambas as concepções existem seguidores.

Valendo-se das necessidades afetivas e morais dos indivíduos disponíveis a serem mobilizados pelas formas de organização da vida e do pensamento de seus fiéis, muitas denominações religiosas crescem por intermédio da mídia. Seus cultos têm saído dos templos e entrado nas casas da grande massa de pessoas, que, na sua maioria, estão desencantadas pelo mundo, devido à cruel realidade social. Muitos, buscando respostas que possam atender às suas necessidades e desejos, encontram afago nas mensagens midiáticas televisivas ou virtuais. A partir dessa premissa, muitas denominações religiosas oferecem produtos que prometem suprir as expectativas dessa grande massa. Adorno (2006) faz alusão a um tipo de “indústria cultural” que não sublima, mas reprime e sufoca. Fonseca (2007) apresenta estatísticas do mercado religioso a domicílio, onde “15% da programação na televisão aberta apresentada no Rio de Janeiro é religiosa, o que equivale à programação de uma das sete emissoras existentes”. O autor mostra a grande infiltração dos programas que têm seu foco na “fé” e estão entrando na casa dos cariocas e de uma maneira geral, na dos brasileiros para difundir o evangelho e a mensagem de salvação.

Na história da humanidade, despontaram em momentos específicos muitos governantes e regentes desempenhando papéis de líderes governamentais ou

³ “Isto pôde ser feito porque a influência desse dogma ultrapassou, na verdade, de longe, o único grupo religioso que se manteve estritamente fiel em todo respeito aos princípios calvinistas: os presbiterianos. “ (Weber, 1992)

espirituais, gerando expectativas de um “Salvador”. De acordo com o que Pierucci (2005) denomina “Desencantamento”, esses salvadores tiveram seu papel em liderar seus seguidores para mudanças e mesmo em amenizar sofrimentos⁴. Para ele, a formação reta de uma pessoa, a ser seguida, é a boa conduta de uma vida santa e que observa os mandamentos de Deus:

[...] a partir de agora a salvação se desloca para a conduta reta que brota de um reto coração, a vida santa, santificada sistematicamente em conformidade com a vontade do Deus único. 'O que o Deus dos profetas israelitas quer não são os holocaustos', lembra Weber, 'mas obediência a seus mandamentos'. (PIERUCCI, 2005)

Pessoas com características de líderes e que realmente desempenharam esse papel apresentam empatia em relação às outras e terminam por conquistá-las pelo seu carisma.

O autor ainda fala do profeta, portador do carisma, e que tem uma missão fundamental: anunciar mensagens divinamente inspiradas para as pessoas.

O profeta emissário é um ‘instrumento que anuncia um Deus e a vontade dele’, seja essa vontade uma ordem concreta ou abstrata. É um indivíduo encarregado por Deus de ‘exigir a obediência como dever ético’ [...] sendo “o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia a doutrina religiosa ou um mandamento divino [...]”.(PIERUCCI, 2005)

Um fato interessante foi mencionado por Ribeiro (2004) a respeito do nascimento de Hobbes⁵, que ocorreu numa sexta-feira santa. O autor comenta que o nascimento do pensador inglês foi como uma esperança para seus seguidores, denominada por eles “esperança hobbesiana”, expressa também no texto: “assim como Cristo nosso Salvador deixou o mundo naquele dia para salvar os homens do mundo, também outro salvador veio ao mundo para salvá-los”.

Esses salvadores foram impelidos a escrever leis de caráter natural ou civil nas quais seus seguidores pudessem ter apoio. O autor nos apresenta exemplos como o do hebreu/egípcio Moisés, conhecido como um grande libertador do povo hebreu da escravidão egípcia. Mesmo não podendo chegar à terra prometida, após muita peregrinação e dificuldades em meio ao deserto, Moisés indica o caminho para que o povo continue sua jornada com um novo líder, após receber leis morais e cerimoniais. As leis morais seriam para toda a vida, como as leis naturais, enquanto as cerimoniais, associadas aos ritos e a ocasiões especiais, estariam mais próximas das leis civis.

Ribeiro (2004) apresenta uma divisão entre as leis naturais e as leis civis. As primeiras são aquelas que “têm sido leis desde toda eternidade”, as virtudes morais, como a justiça, a equidade e todos os hábitos do espírito propícios à paz. As leis civis são as que “foram tornadas leis pela vontade daqueles que tiveram o poder

⁴ Segundo Renato Janine Ribeiro (2004), sempre aparece um sistema bipolar contrastando, como por exemplo, a expulsão do Paraíso e o retorno a Canaã.

⁵ Thomas Hobbes: matemático, teórico político, e filósofo inglês, autor do livro *Leviatã* (1651)

soberano sobre os outros” e apresentam-se de maneira escrita ou através de qualquer outra forma de expressão da vontade do legislador. As leis civis podem ser divididas em humanas ou divinas. As primeiras são constituídas pela manifestação da vontade do Estado, as segundas, por ordenança divina.

À maneira hobbesiana, a religião é uma estrutura de poder que busca agregar seus fiéis isentando-os da política para que ela assuma este papel, entre outros. Segundo Hobbes, o soberano representante age em nome dos súditos, não por amor a eles.

Hobbes é, pois, um latifundiário anglicano: a conformidade nos procedimentos externos, a obediência nos gestos e na ação importa mais que a ortodoxia doutrinal; da religião se depura o núcleo, congregando todos os cristãos que se isentem da política. As consciências especulem, desde que sábias – isto é, que não queiram interferir na soberania. (RIBEIRO, 2004)

Thomas Hobbes utiliza a metáfora dos dois monstros bíblicos para também explicar a questão do poder de influência da religião e do Estado sobre os homens. A utilização de metáforas demonstra o quanto a simbologia, quando utilizada em uma narrativa, pode auxiliar para que o sujeito se aproxime do objeto para seu entendimento. Vejamos, por exemplo, na narrativa sobre o Leviatã, um monstro que reina sobre as criaturas do orgulho – os homens – e pelo terror os pacifica. Seria esse monstro um sistema dominante que, ao mesmo tempo que mostra um sistema de terror, apresenta uma saída de paz e tranquilidade.

Pressupondo o Leviatã como um sistema articulado de ideias que integrariam uma teoria da linguagem com uma teoria política, temos como resultado a necessidade da existência do Estado numa hermenêutica sempre fundamentada na vontade do soberano, segundo Ribeiro.

Hobbes expressou seu ponto de vista sobre a natureza humana e sobre a necessidade de governos e sociedades. Ele defendia a ideia de que os homens só poderiam viver em paz se concordassem em submeter-se a um poder absoluto e centralizado. Para Hobbes, a Igreja e o Estado formam um mesmo corpo, encabeçado pelo monarca, que teria o direito de interpretar as escrituras, decidir questões religiosas e presidir os cultos. Neste sentido, critica a livre interpretação da Bíblia na Reforma Protestante como debilitadora do soberano. Essa perspectiva hobbesiana coloca-se no registro do “desencantamento do mundo” porque critica a transcendência do poder religioso e de suas leis

O poder do Leviatã é narrado como um poder vindo do Estado e da Igreja, mostrando assim a regência sobre o homem, que vem de um ser ou sistema superior a ele, com poderes absolutos. Ainda que o homem não pudesse conhecer, de forma infalível, a revelação sobrenatural da vontade de Deus, ele poderia crer na origem divina de uma lei divina.

Hobbes classifica ainda as leis em fundamentais e não fundamentais. As primeiras seriam aquelas cuja desobediência poderia provocar a dissolução do Estado, enquanto as segundas tratariam de assuntos cuja revogação não ameaçaria

o Estado, versando, especialmente, sobre as controvérsias entre seus súditos. Segundo Hobbes, a lei da natureza e a lei civil conter-se-iam mutuamente, pois as leis da natureza não seriam propriamente leis, mas qualidades que predisporiam os homens à paz e à obediência, estando muito ligadas àquilo que denominamos de moral e ética. Só depois de instituído o Estado elas efetivamente se tornariam leis por transformarem-se em ordens estatais e, portanto, também em leis civis. A lei da natureza faria parte da lei civil e a lei civil dos ditames da natureza, pois a justiça, ou seja, o cumprimento dos pactos seria um ditame da lei natural. A lei civil e a lei natural não são de diferentes espécies, mas diferentes partes da lei: uma seria escrita e se chamaria civil, e a outra não escrita se chamaria natural.

Hobbes lidera a vontade tanto do indivíduo quanto do soberano. Todo poder só pode fundar-se na submissão [...]. A lei positiva não está subordinada à divina ou à natural [...] liberando o direito do indivíduo, Hobbes também solta a lei que o governante edita, fundado no seu direito natural. (RIBEIRO, 2004)

Para Hobbes, o soberano é aquele indivíduo que se torna um “deus mortal” por ter domínio sobre a natureza do homem, realizando-se como um indivíduo quase perfeito e que forma um corpo político, o que resulta na quase-imortalização de um corpo natural. Segundo o filósofo, a soberania é o individualismo consumado, inclusive fica bem clara a distinção entre os nobres e os plebeus.

Hobbes continua seu discurso agora citando o segundo monstro, Beemot, monstro do caos, da guerra civil, do Longo Parlamento. Partindo do pensamento hobbesiano, todas as lutas e paixões individuais só poderiam ser atendidas através de um mecanismo de poder capaz de dominar com ampla autoridade a garantia da vida em sociedade. Até então, a guerra seria o meio para expressão de poder entre a humanidade antes de se instituírem os governos, ou no caso de estes acabarem.

Para o filósofo, o Estado seria uma máquina onipotente investida de poder ilimitado sobre os indivíduos, ante o qual nenhum cidadão poderia invocar direitos. O Estado teria autoridade absoluta e ainda seria necessário para evitar a guerra entre os indivíduos.

Assim o Estado e a religião, mesmo que no âmbito privado, sem sua separação do Estado, desempenham papéis em meio ao desencantamento da cultura. Nesse sentido, no início de sua obra, Pierucci (2005) observa que os escritos de Weber (1992) não tratam somente da Sociologia da Religião, sua reflexão não está circunscrita somente nesse universo, muito embora a contribuição weberiana nessa área seja inegavelmente direcionada. Contudo, não se pode circunscrevê-la no universo da Sociologia da Religião pelo simples fato de que não existia ainda essa área do conhecimento, pois a sociologia ainda estava se consolidando enquanto área do conhecimento. Isso significa dizer que a reflexão sobre o desencantamento do mundo não é meramente um estudo sobre religião, e sim uma análise exaustiva de um conceito de entendimento da sociedade ocidental e de maneira mais específica, da modernidade.

Desencantamento do mundo em Weber tem tudo a ver com cálculo. Ou melhor, com o ato de calcular – *Rechnung* –, que em inglês se pode traduzir por *calculation*, mas não em

português, não sei por quê. Nossa língua! Tendo em vista, pois, desentortar ao menos parcialmente o rumo da discussão hoje corrente sobre o tema, desembaraçá-la com argumentos concretos e, na medida do possível, pô-la novamente sobre seus próprios pés, feito a Bela Adormecida que foi desencantada por um simples beijo do mais puro amor, reconto agora os passos dados e, antes de me lançar aos comentários técnicos e substantivos em torno de cada passo, apresento meu registro contábil de ocorrências terminológicas como frugal contraponto à opulenta literatura que viaja em torno desse tema. [...] Desencantamento do mundo, portanto, é uma forma específica de racionalização religiosa, a qual, por sua vez, constitui também uma forma específica de racionalização. [...] Nos tempos modernos, com efeito, andam juntas a ciência e a 'falta de sentido'. A ciência, sendo 'objetiva', inevitavelmente termina por nos desvendar os olhos ante a 'objetiva' ausência de 'sentido objetivo', tanto do mundo natural quanto da existência humana. (PIERUCCI, 2005)

Essa modernidade vem acompanhada do veículo midiático que favorece em vários aspectos a proliferação da concepção de desencantamento, uma vez que muitas concepções religiosas proliferam gerando adeptos que mistificam a questão da crença. Deixam suas identidades e passam a viver, segundo eles, novas identidades a partir do momento em que novas crenças vão sendo auferidas.

O que mais mistifica a afirmação acima é a questão da espiritualidade que envolve as pessoas neste mundo religioso. Por causa dela, existe uma incessante busca pelo que realmente pode satisfazer as necessidades espirituais. Na maioria das vezes, os programas midiáticos apresentam receitas prontas para essa satisfação.

A quantidade de informações e a crescente valorização dos meios de comunicação produziram cidadãos passivos, desmobilizados mediante a mídia, somado à economia capitalista e globalizada dá a ideia de que o mundo está sem limites e de que o paraíso é o passageiro prazer de cada novidade do consumo [...]. Assistimos então a uma sociabilidade religiosa que se estabelece como um jogo em que as regras são dadas por terceiros (sujeitos religiosos que propagam a mensagem nos *mass media*). (PATRIOTA, 2007)

A autora apresenta uma reflexão na qual acompanhamos a mídia religiosa dentro de um sistema organizado de produção, difusão e recepção de informações conhecido como *mass media*. Um sistema como este, no mundo religioso, é gerido por uma empresa privada especializada na comunicação de massas e explorada nos regimes concorrenciais, monopolísticos ou mistos. No caso da mídia religiosa, a contratação de uma empresa para gerir o programa que possa ser visualmente atrativo é de suma importância, porém não se restringe à parte visual (cenário): o carisma do apresentador é um aspecto de suma importância para que haja receptividade do telespectador.

Um outro ponto a ser observado é como a religião tem influenciado, de tempos em tempos, na mudança daquilo que já havia sido definido como “sagrado” através das escrituras da Bíblia.

Segundo White (1974), uma parte da verdade sagrada escrita no livro santo foi alterada pela Igreja Católica: a mudança dos dez mandamentos. Esta mudança é hoje ensinada nos catecismos: “os católicos romanos reconhecem que a mudança do dia de sábado foi feita pela igreja, e declaram que os protestantes, observando o domingo, estão reconhecendo o poder desta”. Para a pergunta “Qual o dia que deve ser observado como dia de descanso?”, o Catecismo Católico da Religião Cristã oferece a seguinte resposta: “Enquanto vigorou a antiga lei, o sábado era o dia santificado, mas a igreja, instruída por Jesus Cristo, e dirigida pelo Espírito de Deus, substituiu o sábado pelo domingo; assim, santifiquemos agora o primeiro dia, e não o sétimo dia. Domingo quer dizer, e agora é dia do Senhor”⁶.

Na perspectiva de White (1974), o domínio que a religião tem sobre uma grande massa, construído ao longo dos séculos, levou a hierarquia religiosa a implementar mudanças baseadas em uma suposta “ordem de Deus”, mesmo sem bases concretas dentro do livro guia da religião cristã, a Bíblia Sagrada. No entanto, a própria religião vai percebendo que o poder da imposição de seus conceitos, ou da criação de novos, gera a inquietação no ser humano, por mais que esta seja acompanhada por uma postura de submissão.

Segundo a autora, o exemplo emblemático é o dos dez mandamentos escritos pelo próprio Deus, entregues em tábuas de pedra⁷ para que fossem seguidos pelo povo hebreu que havia acabado de sair da escravidão no Egito.

Analisando quais são os mandamentos de Deus, entregues a Moisés no Monte Sinai e que hoje deveriam ser observados também pelo mundo cristão, White (1974) convida o leitor a voltar ao Livro de Êxodo, capítulo 20 e a algumas outras passagens da Bíblia, como, por exemplo, uma profecia do Livro de Daniel⁸ onde se aponta que a religião cuidaria “em mudar os tempos e a lei”. Esse tipo de abordagem leva muitos à indagação: o sagrado está sendo cuidado pela instituição como realmente sagrado, ou está sendo alterado para finalidades que podem até dar sentido às mudanças, porém não se justificam pelo fato de serem ordenanças sagradas?

Segundo a autora, o caso dos mandamentos divinos mostra como a Igreja, pelo fato de ter conquistado poder e ter autoridade, coloca-se muitas vezes acima da

⁶ *Catecismo da Igreja Católica* – D.19.4 – Dia do Senhor – O domingo – plenitude do sábado §2175. O domingo se distingue expressamente do sábado, ao qual sucede cronologicamente, a cada semana, e cuja prescrição espiritual substitui, para os cristãos. Leva à plenitude, na Páscoa de Cristo, a verdade espiritual do sábado judeu e anuncia o repouso eterno do homem em Deus. Pois o culto da lei preparava o mistério de Cristo e o que nele se praticava prefigurava, de alguma forma, algum aspecto de Cristo: Aqueles que viviam segundo a ordem antiga das coisas voltaram-se para a nova esperança não mais observando o sábado, mas sim o dia do Senhor, no qual a nossa vida é abençoada por Ele e por sua morte.

A obrigação do domingo.

§2180 O mandamento da Igreja determina e especifica a lei do Senhor: "Aos domingos e nos outros dias de festa de preceito, os fiéis têm a obrigação de participar da missa". Satisfaz ao preceito de participar da missa quem assiste à missa celebrada segundo o rito católico no próprio dia de festa ou à tarde do dia anterior.

⁷ Entregues a Moisés no Monte Sinai, também conhecido por Monte Horeb ou Jebel Musa, situado no sul da península do Sinai, no Egito

⁸ Bíblia sagrada – Livro de Daniel, Cap. 7.

própria autoridade de Deus. Ela apresenta os mandamentos conforme Êxodo, capítulo 20:

- I – Não terás outros deuses diante de mim;
- II – Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo da Terra, nem nas águas debaixo da Terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás: porque Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem, e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os Meus mandamentos;
- III – Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão: porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão;
- IV – Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor Teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou;
- V – Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na Terra que o Senhor teu Deus te dá.
- VI – Não matarás;
- VII – Não adulterarás;
- VIII – Não furtarás;
- IX – Não dirás falso testemunho contra o teu próximo;
- X – Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo. (WHITE, 1974).

A autora também apresenta os mandamentos atuais, mudados pela Igreja para que sejam seguidos pela grande massa. .

- Dez Mandamentos conforme o segundo catecismo da doutrina cristã, pág. 9, Edição Oficial, 1930.
- I – Amar a Deus sobre todas as coisas;
 - II – Não tomar o Seu santo nome em vão;
 - III – Guardar domingos e festas;
 - IV – Honrar pai e mãe;
 - V – Não matar;
 - VI – Não pecar contra a castidade;
 - VII – Não furtar;
 - VIII – Não levantar falso testemunho;
 - IX – Não desejar a mulher do próximo;
 - X – Não cobiçar as coisas alheias. (WHITE, 1974).

White apresenta as mudanças das ordenanças divinas, como uma questão de mostrar que a Igreja apresenta suas crenças, dogmas, muitas vezes sem se importar com o “sagrado”, no propósito de evidenciar que o poder é dela e que ela pode decidir em que a grande massa “deve acreditar”. Em nome de Deus, mesmo que a própria Bíblia aponte o contrário, a Igreja quis impor uma nova regra. Cabe lembrar que muitas novas ideologias são difundidas para alcançar seguidores, como a da doutrina da prosperidade.

Disse Cristo: “O Filho do homem é Senhor até do Sábado”. O quarto mandamento declara: “O sétimo dia é o sábado do Senhor”. E pelo profeta Isaías o Senhor lhe chama: “Meu santo dia”. S. Marcos 2:28; Isaías 58:13. A alegação tantas vezes feita, de que Cristo mudou o sábado, é refutada por Suas próprias palavras. Em Seu sermão no monte, disse Ele: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim a ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a Terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer pois que violar um destes mais pequeninos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos Céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos Céus.” S. Mateus 5:17-19 (WHITE, 1974).

Todas essas mudanças e sincretismos só acentuam a desconfiança e descrença de muitos naquilo que lhes é apresentado como sagrado. Isso provoca uma sensação de abandono, de estar sozinho no universo, que contraria os instintos mais profundos do ser humano.

116 – Instinto de rebanho – Em qualquer lugar onde nos deparamos com uma moral, encontramos uma avaliação e uma classificação hierárquica dos instintos e dos atos humanos. Tais classificações e avaliações expressam as necessidades de uma comunidade, de um rebanho: aquilo que beneficia o rebanho, que lhe é útil em primeiro lugar – e em segundo e terceiro – é o que serve também de medida suprema do valor de qualquer indivíduo. (NIETZSCHE, 2006)

Para o filósofo, instintivamente, o homem procura um meio onde pode compartilhar seus ideais, se relacionar e ser apoiado. A nosso ver, o enfraquecimento da dimensão do sagrado constitui um obstáculo nessa busca.

Em *Discretas Esperanças*, num pequeno comentário, Matos⁹ (2006) faz alusão ao direito civil romano que fazia dos homens do império cidadãos romanos, e à herança judaico-cristã, expressa em máximas do tipo “amarás ao próximo como a ti mesmo...”. Por meio desse exemplo, vemos que o homem busca se sociabilizar e ser respeitado, respeitando ao mesmo tempo o próximo.

Esse anseio de contato com o próximo contribui em boa medida para as manifestações religiosas, que hoje transcendem as estruturas físicas dos templos e chegam às casas das pessoas através de meios midiáticos, acabando por fazer parte do dia a dia dos indivíduos.

Em tudo, podemos perceber a presença de um sistema midiático religioso, montado com um único propósito, alcançar o maior número de adeptos possível, pela aplicação de uma cultura de massa. Segundo Adorno (2006), esta apenas faz pensar que é uma cultura produzida espontaneamente pela própria massa, porém,

⁹ Olgária Chain Feres Matos. Pós-Doutorado em Ciências Humanas. É professora titular da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), entre 2003 e 2008, foi Professora no Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso).

na realidade, é uma cultura produzida em escala industrial para alcançar um sujeito que faz uso dessa cultura, principalmente quando tratada no âmbito religioso, e que se porta como vítima, precisando dela para curar seu sofrimento.

Adorno (2006) apresenta o molde em que a indústria cultural se instalou, no aparato técnico, a televisão, sem a qual a cultura de massa não teria êxito. Existe um estudo feito por Fadul (2006) que apresenta uma estatística impressionante sobre esse veículo midiático:

A televisão é a mídia de maior alcance nacional, pois está presente em 90,4 por cento dos domicílios brasileiros [...]. Seu processo de nacionalização se deu com a criação do sistema nacional de microondas ainda na década de 60, quando surgiram as redes nacionais. (FADUL, 2006)

Estamos num mundo onde nós escolhemos o rumo que queremos tomar, as escolhas que queremos fazer. Enquanto consumidores, podemos apertar um botão e escolher o que quisermos. Os canais de venda de mercadorias, como, por exemplo, o canal fechado Polishop, permitem realizar compras sem ter de ir ao armazém ou loja de departamentos. Embora ainda, em nossa época, os produtos oferecidos pela TV destinem-se a um público de poder aquisitivo maior, uma vez que esses canais são fechados, proporcionam a acomodação desse indivíduo que nem precisará levantar-se do sofá para efetuar uma compra.

Já o indivíduo com uma renda menor sofre bombardeios midiáticos do sistema capitalista de consumo, sem que tenha recursos para realizar todos os seus sonhos. A mídia é utilizada com comerciais persuasivos, muitos deles apresentados logo em seguida a propostas sociais, sendo percebidos num contexto englobado. Martín-Barbero (1993) escreveu sobre as práticas de comunicação realizadas nos movimentos sociais, onde, segundo ele, se articula a cultura popular. O autor enfatiza o termo “mediações” na comunicação, que seriam os lugares de onde provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural “[...] da massa como efeito dos processos de legitimação e lugar de manifestação da cultura em que a lógica da mercadoria se realiza.” (MARTÍN-BARBERO, 1993)

Para o autor, os três tipos de mediações: cotidiana familiar, temporalidade social e competência cultural podem influenciar no processo de recepção do espectador conforme sua história de vida.¹⁰

Adorno, por sua vez, comenta a questão do direcionamento da oferta para aquisição de produtos que é feita a cada público distinto. Vivemos numa sociedade de consumo dirigida e imediatista onde é possível ter acesso rápido a uma infinidade de informações, inclusive para compra de produtos, muitos deles desnecessários, porém ambicionados pelo espírito consumista da massa que se torna refém de um bom merchandising.

¹⁰ Segundo Marc Gobé, para que determinado mercado tenha sucesso, é fundamental que a abordagem utilizada seja baseada na dimensão emocional da marca. Para Gobé, a criação de marcas é baseada “nas experiências sensoriais e em uma compreensão dos desejos emocionais mais profundos das pessoas”. (GOBÉ, 2001)

Distinções enfáticas... servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. [...] Cada um deve-se portar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível, determinado a priori por índices estatísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para o seu tipo. (ADORNO, 1990)

Na questão religiosa, a ideia do acesso rápido ao divino também é motivo de especulação, fazendo com que a busca incessante pela divindade, as orações, a reverência e o resgate da fé original tenham um distanciamento do indivíduo que acaba se colocando numa posição imediatista. Ou seja, esse indivíduo acaba aprendendo com o sistema que tudo pode ser alcançado “aqui e agora”, esquecendo do processo esforço x resultado, no qual a obtenção do resultado esperado depende do esforço despendido para aquele fim.

Deparamo-nos, portanto com a grande regra contemporânea da qual parece cada vez mais impossível se abster: no capitalismo despótico a que nossa sociedade se lançou, cada item que compõe a indústria cultural está profundamente contaminado pela ideologia do consumo. E ainda, cada item posiciona-se como álibi dessa ideologia. “Do processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode fugir adequando-se a ele mesmo no ócio.” (ADORNO, 1990).

Adorno faz alusão a uma questão talvez não muito percebida: o tempo de lazer e de repouso físico e mental, durante o qual o indivíduo poderia se reafirmar enquanto indivíduo privado é ainda um prolongamento do trabalho, já que inclui a determinação da vida consumista. O conteúdo da televisão opera como distração para uma realidade fictícia, isto é, uma falsa realidade. Edgar Morin (1969) chamou-a de “a vida que falta em nossas vidas” com um sistema de persuasão clandestina que se opera na mídia, dentro da caixa mágica, tornando o discurso televisivo um discurso publicitário que ecoa seu contexto ideológico, situando-se num capitalismo neoliberal.

Os signos que compõem as histórias da televisão são cuidadosamente dispostos, a fim de que o espectador possa passar da realidade ao sonho e do sonho à ilusão da conquista, já que o despertar dos desejos e sua insistente repressão desenrolam-se no plano mesmo da integração da imagem.

A catarse¹¹ assim digerida no cotidiano provoca uma identificação muito maior do homem com o universo metafórico que a TV apresenta do que com o universo real de sua vida cotidiana.

Morin (1969) apresenta resumidamente as novas categorias produzidas pela cultura de massas: o arquétipo converte-se em estereótipo, a forma em fórmula, o ritual em espetáculo e o herói mítico em modelo mimético de consumo, formando assim moldes para o crescimento da indústria cultural. É muito interessante esse ponto de vista, principalmente ao tratar das transformações ocorridas pela visão do indivíduo ao ser apresentado num sistema midiático televisivo. Os valores e as identidades vão sendo transferidos à medida que aparece um novo estereótipo,

¹¹ Catarse (z) (grego kátharsis, -eós, purificação) s. f. Filos. Palavra pela qual Aristóteles designa a “purificação” sentida pelos espectadores durante e após uma representação dramática.

principalmente quando vem moldado por riqueza e beleza, encantando o telespectador. “A indústria cultural por fim absolutiza a imitação.” (ADORNO, 1990)

As coisas são imitadas, inclusive tonalidade de voz, movimentos, expressões para se tornar uma pessoa “descolada” e assim fazer parte do grupo. Muitos programas midiáticos religiosos aderem inclusive à maneira de se expressar de seu líder, inclusive à sua cultura regional. Por exemplo, se o líder religioso é carioca – com uma posição importante e que se utiliza da mídia televisiva para sua comunicação – e o liderado é paulista, esse liderado passa a arrastar os “esses”, mesmo que isso não faça parte de sua linguagem, cultura e identidade. Conseguimos até identificar qual credo religioso certos locutores professam, por sua linha de comportamento!

2 AS PREFIGURAÇÕES DAS CRENÇAS CONTEMPORÂNEAS: AS ANTIGAS SEITAS.

O fenômeno contemporâneo do “mercado religioso” evoca a história das religiões e suas seitas segundo a constituição das ortodoxias e heterodoxias¹² em suas relações com as diversas interpretações das “sagradas escrituras” no que tange as religiões que estão sendo estudadas.

A Reforma protestante de Lutero e Calvino, no século XVI, é um dos marcos do início da modernidade. Nos séculos seguintes, à medida que o capitalismo se difundia e que o luteranismo e o calvinismo firmavam posições, foram surgindo novas linhas de pensamento como o Pietismo, Metodismo e o movimento Batista

Segundo Weber (1992), esse crescimento ocorreu de forma lento, porém gradual e contínua.

Qualquer observação da estatística ocupacional de um país de composição religiosa mista traz a luz, com notável freqüência, um fenômeno que já tem provocado repentinas discussões na imprensa e literatura católicas e em congressos católicos na Alemanha: o fato de os líderes do mundo dos negócios e proprietários do capital, assim como dos níveis mais altos da mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnica e comercialmente especializado das modernas empresas, serem predominantemente protestantes (WEBER, 1992)

Na Alemanha e na Inglaterra, segundo Pierrat¹³ (1993), os primeiros pregadores pentecostais apareceram nas décadas de 1850 e 1860. Já no Brasil, em 1910, conforme estudos de Campos Jr. (1995), o imigrante italiano Luigi Francescon, que professara o presbiterianismo quando vivia nos Estados Unidos, chegou à cidade de São Paulo pregando sua fé, após ter tido experiências carismáticas. Dirigiu-se à cidade de Santo Antonio, no Paraná. Sem nenhum vínculo eclesiástico com outras denominações, Francescon fundou a “Congregação Cristã no Brasil”, a primeira igreja pentecostal brasileira. Ela apresenta uma característica própria desde sua fundação: a questão do desenvolvimento do culto, com as canções acompanhados sempre por orquestras onde somente os homens participam e por órgão, tocado apenas por mulheres; entre as canções, acontecem as orações, testemunhos e por último uma explanação por um dos líderes religiosos, denominados anciãos, que tomam a iniciativa de falar aos fiéis sobre alguma mensagem bíblica. Outro aspecto distintivo é o vestuário, os homens sempre de terno e as mulheres de saia ou vestido durante as reuniões, inclusive usando véu¹⁴.

¹² Ortodoxia: doutrina declarada verdadeira. Heterodoxia: Oposição às concepções ortodoxas.

¹³ Alan Pierrat. *O Evangelho da Prosperidade*.

¹⁴ Perniola (2005) faz alusão em seu livro à questão das interfaces e misturas do orgânico e do inorgânico. Ele define que a sexualidade das pessoas está na conjunção do corpo com aquilo que o complementa, não somente na nudez, ou seja, quando uma pessoa se utiliza de roupas ou acessórios, gerando uma mescla entre coisas orgânicas e inorgânicas. Uma característica muito singular de algumas religiões cristãs, que, além da diversidade de dons espirituais, da “cura divina”, também definem a questão do “sagrado” na composição do orgânico e do inorgânico. Explicitando, não importa tanto a maneira de ser ou agir (uma questão muito séria no tocante ao Calvinismo, pois a

Em 1911 surgem as “Assembleias de Deus” com um modo de evangelização em massa, através das praças e emissoras de rádio. Em 1952, vinda dos Estados Unidos, chega ao Brasil a “Cruzada Nacional de Evangelização” conhecida atualmente como “Igreja do Evangelho Quadrangular”. A partir da Quadrangular, aparecem outras denominações como a “Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo” em 1955, do pastor Manoel de Melo, e a “Igreja Evangélica Deus é Amor” em 1962, do Missionário Davi Miranda. Todas com a prerrogativa de evangelização e cura para uma grande massa que, em busca de melhor qualidade de vida, participava das reuniões e dos grandes encontros de fé, promovidos pelas instituições religiosas.

Marilena Chauí (2004) tem estudado o crescimento da religião evangélica nos anos 80, seguido pela ofensiva do movimento carismático católico. A preocupação da igreja católica é preservar seus fiéis, uma vez que muitos têm migrado para as igrejas evangélicas. Esse crescimento é um dos pontos fortes que levaram a religião ao meio de comunicação de massa – a mídia. Com esse novo recurso de propaganda, no conceito de propagar uma ideologia cristã, o espectador passa a ter o poder da escolha do culto religioso que mais lhe agrada por meio de um simples toque no controle remoto. Suas opções são as mais diversas, desde cultos mais tradicionais aos musicais com danças, depoimentos, mensagens e orações.

Muitos espectadores, após participarem dos cultos televisivos, procuram os templos, vários deles antigos cinemas, teatros, fábricas ou grandes galpões, agora transformados em centros de acolhimento dos fiéis. Segundo a autora, até mesmo campos de futebol tornaram-se locais para grandes concentrações nas quais tem sido disseminado o idealismo religioso a uma sociedade de massa e influenciada pela indústria cultural.

“[...] o protestantismo foi considerado uma ética mais do que uma religião e [...] o elogio protestante do trabalho e dos produtores cumpria a promessa cristã de redenção.” (CHAUÍ, 2004). Chauí observa que o movimento protestante surgiu preocupando-se não apenas em obedecer aos dogmas cristãos, mas também com valores de comportamento e postura política diante da sociedade.

De que maneira as crenças monoteístas, e o cristianismo em especial, viveram a modernidade? Elementos para a resposta são fornecidos por Gilles Kepel (2003). Ele examina os efeitos causados sobre o judaísmo, o islamismo e o cristianismo após a Segunda Guerra Mundial, com o impacto da Guerra Fria e a evolução da sociedade nos sentidos comportamental, tecnológico e ideológico.

A conjuntura não lhes é favorável e, diante da ausência de condições de expressão política, esses militantes trabalham pela recristianização, rejudaização ou reislamização, agindo

conduta era primordial para alcançar o sagrado). Se o devoto, nas reuniões, estiver trajando sua vestimenta conforme os padrões que a instituição religiosa adota, será aceito por ela. Isso também se aplica ao público feminino. Em muitos casos, o sagrado se “alcança” por meio de uma vestimenta apropriada, como o não uso de calça comprida. Segundo essas igrejas e seitas, a calça comprida é um traje masculino, e se a mulher não fizer uso dela, estará alcançando o sagrado e poderá ter uma vida eterna.

“pelo baixo”, isto é, fazendo a religião intervir poderosamente na vida privada e nos costumes, criando adeptos (particularmente por meio de organizações comunitárias de serviços e auxílio aos necessitados) e produzindo transformações culturais em profundidade. (KEPEL, 2003)

Através deste texto, conseguimos perceber que a questão do indivíduo optar em mudar de dogmas religiosos vem não somente da proposta verbal, mas também da dimensão de auxílio aos necessitados, que chamamos de caridade. Uma estratégia alcançada pelo movimento religioso devido às falhas econômicas, sociais e políticas. O movimento religioso vem apresentando saídas à questão do desencantamento com o sistema socioeconômico e político existente que, segundo a autora, não tem atendido às necessidades das pessoas. E isso apesar da preocupação desse sistema com a questão da modernidade acompanhada de programas governamentais que vêm atendendo a uma parcela da população mais carente. Umberto Eco (2001) nos leva a entender que a grande massa da população busca sair dos caminhos de descrença em que tem caminhado procurando acreditar em algo maior, uma busca pelo eterno que pode trazer-lhes esperança. “O homem, de algum modo sente que é infinito, isto é, capaz de querer de modo ilimitado, de querer tudo, digamos.” (ECO, 2001)

A questão da modernidade tem se refletido também nas religiões, principalmente com a utilização dos recursos midiáticos. Mas, sem dúvida, a modernização para as igrejas organizadas vem em segundo plano. Em primeiro, sempre estarão os dogmas religiosos, levando tudo a sua volta a ficar em posição secundária. Os muçulmanos, por exemplo, não falam em modernizar o islã e sim em “islamizar a modernidade”. Já o cristão fala da “nova evangelização da Europa” e em “salvar a América”, enquanto o judeu se recusa ao intitulado jurídico “Estado de Israel” e usa o termo “Terra de Israel” devido à ocupação do território palestino. Isso mostra que, apesar das mudanças em curso, a religião é sempre posta à frente de qualquer conceito, levando-a a uma posição pantocrata.

Porém, não trataremos aqui de dogmas mas sim da ritualística em alguns cultos religiosos, que tem mudado com o tempo e à medida que a modernidade, inclusive da vigência da leis, vai sendo observada no contexto dos procedimentos internos nas religiões. Uma questão que há alguns anos não se apresentava como problema na liturgia de algumas cerimônias religiosas era a do constrangimento ilegal de seus integrantes. Muitos cultos religiosos tiveram que se adequar ao art. 146 do Código Penal brasileiro¹⁵, que trata dos crimes contra a liberdade individual pois havia momentos em que o fiel era exposto a situações de constrangimento

Por exemplo, nas Igrejas Assembleias de Deus, antes da cerimônia da Santa Ceia, os membros que por algum motivo haviam “pecado” deveriam dirigir-se à

¹⁵ Código Penal vigente no Brasil, criado pelo decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 que entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1942 – Presidente Getúlio Vargas e Ministro da Justiça Francisco Campos.

Art. 146 - Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, ou depois de lhe haver reduzido, por qualquer outro meio, a capacidade de resistência, a não fazer o que a lei permite, ou a fazer o que ela não manda [...]. Este dispositivo legal existe para proteger a autodeterminação das pessoas, a liberdade que elas têm não serem obrigadas a fazer ou deixar de fazer algo, senão em virtude de Lei. [...] O agente pode ser qualquer pessoa que impeça o exercício da liberdade individual de outrem [...].

frente da congregação para pedir perdão pelo ocorrido; cabia à congregação perdoá-los ou não. Caso fosse negado o perdão, esses membros não poderiam participar da comunhão. Um processo semelhante acontecia nas Igrejas Congregação Cristã do Brasil, na hora dos testemunhos, quando era dada oportunidade aos devotos de testemunharem. Se um depoimento não tivesse nexos nem contexto, o testemunhador era convidado a sentar antes mesmo de terminar. Hoje, mesmo que não haja contexto, o indivíduo pode concluir sem que seja interrompido.¹⁶

A falta de observância desse artigo causou alguns processos para as instituições religiosas, pois o delito ocorria perante toda a congregação – e, para o aumento da pena, basta a presença de mais de três pessoas.¹⁷ Cabe acrescentar que desde 1997, aproximadamente, não ocorrem mais esses procedimentos.

Outra dimensão da modernidade apontada por Chauí (2004) é que a sociedade atual se fundamenta não apenas no trabalho produtivo, mas também no intelectual. Por essa razão, as concepções ideológicas deveriam fundamentar-se na ciência e na informação, assim como defendia Espinosa. A autora assinala que, contrariando essa expectativa, apenas uma fatia da população tem buscado conhecimento. Isso aumenta a exclusão social, política e cultural, pois o sistema capitalista, que se reproduz por meio do trabalho em massa, não se interessa por essa pequena fatia populacional que começa a pensar e a questionar a ordem das coisas.

Por outro lado, quando os caminhos vão se direcionando a um aspecto mais técnico e científico devido à secularização e não ao desencantamento, segundo Pierucci (2005), isso pressupõe um afastamento da religião. Para ele o protestantismo ascético é um processo final do desencantamento do mundo. O autor observa que esse tipo de protestantismo é a saída da religião, sim, só que ainda é religião. Isso deixa claro que o desencantamento é religioso e não científico, não tendo nada de secularização ou racionalização pura e simples. Já para Weber (1992), o elemento religião é que dá sentido, que norteia o processo de desencantar. Este é um fenômeno interno da religião, com consequência para fora dela, no cotidiano das pessoas.

Devido ao desencantamento da grande massa, Chauí (2004) diz que essa pequena fatia que busca conhecimento para questionar o sistema, acaba sendo excluída. Quando, ao contrário, é ela quem maneja o sistema, começam a surgir rivalidades, uma vez que tem o poder persuasivo em suas mãos, isto é, o recurso midiático a ela pertence.

¹⁶ CCB – Fundamentação Doutrinária – No culto da Congregação Cristã no Brasil, há duas manifestações discursivas principais: a dos fiéis (nos testemunhos) e a do Ancião, Cooperador ou a quem for revelado (na pregação). O "discurso do fiel em testemunho" e a "pregação do Ancião, ou do Cooperador, ou do Diácono, ou do membro com o Ministério da Palavra", em conjunto com todas as outras manifestações linguísticas do ritual, constituem a liturgia. No final do culto, saúdam uns aos outros com o ósculo santo: um beijo no rosto de homem para homem e mulher para mulher. Durante o culto, como princípio da organização da Igreja, as mulheres ficam sentadas num lado, ocupando a metade da igreja e os homens, a outra metade (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2009).

¹⁷ Art.146, parágrafo 1 do Código Penal.

A defesa de cada denominação religiosa em relação aos seus dogmas, costumes e campanhas desencadeia uma “guerra santa”, no sentido de que, em rede nacional, muitas se digladiam para conseguir seus fiéis telespectadores. Cada uma das linhas de pensamento religioso, para estarem no lugar atual, de poder midiático, já se estruturaram em termos socioeconômicos e projetam ainda mais seu crescimento.

Essa “guerra santa” tem acontecido entre o catolicismo e protestantismo, e entre correntes protestantes. Um de seus efeitos é a geração de uma estratificação social capitalista.

Weber (1992) coloca entre os fatores que favoreceram a revolução religiosa iniciada por Lutero o controle de grandes capitais pelos burgueses que se converteram ao protestantismo. Esses recursos provinham de um trabalho rigoroso com mão de obra especializada e da ocupação de posições administrativas importantes por parte dos protestantes, enquanto os católicos demonstraram maior tendência a permanecer como artesãos. Outro fator seria o impulso dos reformados aos estudos técnicos e superiores. Vale ressaltar que muitas linhas de pensamento religioso que existem hoje, não se preocupam tanto com os níveis médio e superior de ensino, apesar de, em sua abordagem, levarem os fiéis a reconhecer a importância da educação. Entre as exceções estão a linha de pensamento metodista, encabeçando uma Universidade (Unimep), os presbiterianos, também uma universidade (Mackenzie), e os adventistas, que têm no Brasil uma rede de mais de 500 unidades escolares.

Em seu campo de estudo, Weber (1992) analisa as relações entre a difusão do capitalismo e as religiões reformadas, em especial a fé calvinista, que lançou raízes profundas em países desenvolvidos em termos capitalistas, como por exemplo a Inglaterra e a Holanda:

O homem daquele tempo, preocupava-se com dogmas aparentemente abstratos, em uma extensão que, por si, somente pode ser entendida quando percebemos a conexão destes dogmas com interesses religiosos práticos (WEBER, 1992)

A questão da riqueza e da religião estava diretamente ligada, ainda que a preocupação em relação ao sublime estivesse sempre presente e fosse predominante. O sociólogo alemão observa que a revolução religiosa ocorreu em países com maior grau de desenvolvimento econômico, dotados de vastos recursos naturais e pontilhados de grandes cidades. Neles, os burgueses protestantes tornaram-se administradores e proprietários de modernas empresas, posições conquistadas como resultado de um incessante trabalho, de uma conduta austera, baseada nos dogmas religiosos, da posse prévia de capital e de uma formação educacional sólida.

[...] a maior participação dos protestantes nas posições de proprietário e gerente na moderna vida econômica seja atualmente encarada, em parte pelo menos, como simples resultado da maior riqueza material por eles herdada. (WEBER, 1997)

A formação proporcionava aos jovens protestantes que iniciavam sua carreira profissional, uma colocação imediata no mercado de trabalho, uma vez que a busca para preenchimento dos quadros de empregados com mão de obra especializada pelas empresas capitalistas era muito grande.

Esse cenário não muda muito em relação à formação contemporânea dos cursos técnicos e universitários voltados para a área educacional técnico-industrial. Universidades e Faculdades como a Uniso, Fatec, Esamc, entre outras, além dos Colégios técnicos como Colégio Politécnico de Sorocaba – Jornal Cruzeiro do Sul – FUA, ETE Fernando Prestes e outros, têm o objetivo de qualificar os estudantes que ocuparão vagas, ou mesmo concorrerão a elas nas grandes multinacionais instaladas em nosso país, e mais especificamente no município de Sorocaba. Essas empresas estabelecem parcerias com as instituições de ensino, além dos departamentos do governo municipal como o PODI¹⁸ para captação de mão de obra qualificada e com formação.

Segundo Weber (1992), o ensino católico visava exclusivamente uma formação humanística, enquanto os protestantes buscavam uma formação profissional em treinamentos técnicos, de qualificação da mão de obra especializada, que os conduzisse aos postos de comando das empresas. Também é abordada pelo autor a questão percentual de procura dos católicos para os cursos de ensino superior: a quantidade de estudantes e formandos católicos, em relação a população total de estudantes, era expressivamente menor que a dos protestantes. Uma explicação para isso era justamente a distribuição de renda, pois os protestantes, possuidores de grandes capitais, reservavam uma parte para financiar os dispendiosos estudos de seus filhos.

[...] a preferência dos católicos esteja orientada para uma espécie de aprendizagem fornecida pelo ginásio humanístico [...] uma das razões pelas quais tão poucos católicos estejam interessados na empresa capitalista. (WEBER, 1992)

Em outra passagem, o autor chama a atenção para a proeminente tendência ao racionalismo econômico imanente ao protestantismo, visivelmente observado numa indagação onde ele diz: "Trata-se, assim, de investigar quais os elementos dessa particularidade das religiões que obraram, e ainda atuam no sentido indicado". (WEBER, 1992) Ele mostra que enquanto o catolicismo tinha um caráter ascético, o protestantismo tinha um "caráter obreiro". A origem da Reforma protestante está no sentido da palavra "Beruf" (alemã) ou "calling" (inglesa), que chamamos de "vocação", em que surge uma valorização do cumprimento do dever não apenas na esfera religiosa mas também na profissional.

O autor apoia-se em dados históricos na busca de respostas em relação ao conceito espiritual do capitalismo. Em sua leitura, ele avalia o capitalismo na Europa Ocidental e na América do Norte, além da China, Índia e outras regiões. Seu foco foi na questão do crédito, onde ele define que para uma pessoa ter crédito, ela deve

¹⁸ Pólo de Desenvolvimento e Inovação de Sorocaba – órgão para captação tecnológica de recursos para o desenvolvimento do município.

transparecer honestidade, pontualidade nos pagamentos, laboriosidade¹⁹ e frugalidade²⁰, qualidades definidas pelos protestantes como regra de fé e prática para uma vida de santificação diante do divino. O autor concentrou sua atenção nas primeiras concepções da religião reformada, que contribuíram para a formação de uma série de igrejas na atualidade. A maioria das seitas e religiões que encontramos em nossos dias vem dos pioneiros da Reforma, que serão apresentados à frente.

Entre os calvinistas holandeses, franceses (os huguenotes) e ingleses – os puritanos da metrópole e das colônias da América do Norte –, tanto empresários quanto artesãos se predispunham a uma tendência de racionalismo econômico e, dentro de suas convicções religiosas, a um certo "alheamento do mundo". Já os católicos franceses, em suas camadas inferiores, mostravam-se muito interessados nos prazeres da vida, enquanto as camadas mais altas eram abertamente hostis à religião". Weber (1992) faz alusão ao provérbio "coma ou durma bem", que compara o protestante, que busca saciar-se com enormes refeições, ao católico, que prefere dormir sem ser perturbado:

Com efeito, esse 'desejo de comer bem', pode ser considerado uma característica correta, embora incompleta, da motivação de muitos protestantes de nome, na Alemanha [...]. (WEBER, 1992)

Weber enfatiza uma questão que está intimamente relacionada com a atualidade no que se refere à relação do velho espírito protestante, de Lutero e Calvino, e a moderna cultura capitalista. Pelo fato de essa cultura estar intimamente ligada à religião, o sentido atribuído a "espírito de trabalho" ou "progresso" não deve ser entendido como a alegria de viver dos protestantes ou qualquer outro sentido ligado ao iluminismo²¹, pois esses termos são os que foram utilizados na Reforma. Para a modernidade, progresso tem outro significado, voltado mais a questão do desenvolvimento no uso de recursos tecnológicos ou naturais; anteriormente, o conceito se limitava à questão atitudinal dos indivíduos.

Em relação a essa questão atitudinal, o indivíduo deve ser cumpridor de seus deveres como cidadão, como por exemplo, pagar suas contas e impostos. A evidência de honestidade financeira fortalecia a boa reputação do indivíduo na comunidade e o pronto acesso a novos empréstimos.

Lembra-te deste refrão: 'O bom pagador é dono da bolsa alheia'. Aquele que é conhecido por pagar pontual e exatamente na data prometida, pode em qualquer momento levar tanto dinheiro quanto seus amigos possam dispor. Isto é às vezes de grande utilidade. Depois da industrioseidade e da frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que a pontualidade e a justiça em todos os negócios; portanto, nunca conserves dinheiro emprestado uma hora além do tempo prometido, senão um desapontamento fechará a bolsa de teu amigo para sempre. (WEBER, 1992)

¹⁹ Propensão para o trabalho; diligência – *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.

²⁰ Sobriedade, temperança. – *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.

²¹ "O século XVIII é conhecido como Iluminismo, Século das Luzes [...]. Como as próprias designações sugerem, trata-se do otimismo no poder da razão de reorganizar o mundo humano." (ARANHA, 1987)

Cabe lembrar que o administrador dos domínios, repartições, e os cobradores de impostos existiam desde a antiguidade. Ainda segundo Weber (1992), os fabricantes, distribuidores (atacadistas), revendedores (varejistas), os pontos de vendas de produtos, os bancos do século XVI eram semelhantes aos da atualidade, inclusive também existiam os aventureiros capitalistas com atividades de apropriação pela força. Essa atividade era “puramente irracional e especulativa”. Com a Reforma, os novos empreendedores protestantes traziam consigo uma proposta diferente de administrar, pois tinham o compromisso de executar tarefas confiáveis e sem especulação, desenvolvendo seu trabalho em harmonia com suas concepções religiosas. Desse modo, desenvolve-se um capitalismo racional com padrões estabelecidos dentro de uma “ética social”.

Para definirmos de melhor maneira o espírito capitalista, vamos analisar os tempos pré-capitalistas, quando a atividade econômica ainda não tinha padrões para utilização racional de capital e nem de trabalho. Os salários eram baixos, portanto eram falhos em relação aos trabalhadores. Quando se precisava de mão de obra especializada, faltava iniciativa aos trabalhadores, uma vez que não tinham incentivo.

Dentro do espírito capitalista, esse quadro começa a mudar, em decorrência de um longo e árduo processo de educação.

A moderna organização racional da empresa capitalista não teria sido viável sem a presença de dois importantes fatores de seu desenvolvimento: a separação da empresa da economia doméstica, que hodiernamente domina por completo a vida econômica, e, associado de perto a este, a criação de uma contabilidade racional. (WEBER, 1992)

Portanto, a independência da atividade empresarial em relação à economia doméstica representou um grande passo para uma organização racional do empreendimento capitalista. Seguiram-se outras medidas destinadas a ampliar a produtividade, entre elas o pagamento por tarefas. Taylor, considerado “o pai da organização científica do trabalho”, após seis anos da publicação do livro de Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1905), lançou seu livro *Princípios de Administração Científica* (1911), onde aborda a mesma questão citada por Weber, sobre a forma de pagamento de salários, referente à produtividade:

É absolutamente necessário, então, quando os trabalhadores estão encarregados de tarefas que exigem muita velocidade de sua parte, que a eles também seja atribuído pagamento mais elevado, cada vez que forem bem sucedidos. Isto implica não somente em determinar, para cada um, a tarefa diária, mas também em pagar boa gratificação ou prêmio todas as vezes em que conseguir fazer toda a tarefa em tempo fixado. (TAYLOR, 1987)

Segundo Weber (1992), o trabalho deve ser executado como um fim absoluto em si mesmo, como uma “vocação”. Ele cita o exemplo de operárias solteiras em uma área de produção. Os empregadores fazem propostas de melhorias, mudando hábitos na produção; encontram muita dificuldade na assimilação das propostas pelas moças, menos por aquelas com formação religiosa pietista, que demonstram

interesse pelas mudanças e aumentam a capacidade de produção. Para o autor, a capacidade de superar o tradicionalismo está muito ligada à educação religiosa, e esse processo educacional do protestantismo acaba sendo um poderoso aliado do capitalismo, gerando no funcionário um maior grau de concentração mental.

O autor de *A Ética Protestante...* aborda outros aspectos do crescimento do sistema capitalista como a prática do que atualmente é chamado de Marketing, definido por Kotler²² como a geração de “lucros por meio da satisfação do consumidor”, Weber (1992) comenta que o empreendedor sai à procura de mão de obra especializada, contrata os trabalhadores, transforma-os em operários e muda seu método de mercado. Parte então para a procura de seus clientes, levando em conta os mínimos detalhes em relação a eles. Assim, cuida pessoalmente de seus clientes visita-os com regularidade e, principalmente, ajusta a qualidade do produto às necessidades e desejos dos fregueses. Basicamente temos aqui um estrategista de marketing e vendas. Dentro dessa estratégia, o produto terá preços baixos porém será de “grande giro”, estimulando assim a compra constante, uma vez que as visitas serão periódicas para não deixar faltar a mercadoria e não dar chances de esse freguês comprar de um concorrente.

Segundo o sociólogo, a "vocação" para o trabalho e os negócios, associada à Reforma protestante, veio tornar mais claro “o impacto que os motivos religiosos tiveram no processo de desenvolvimento da moderna cultura secular, surgida de inúmeros fatores históricos.” (WEBER, 1992) Não se trata de afirmar que o capitalismo, como um sistema econômico, seria um produto da Reforma, mas o que o autor deixa claro é que há uma correlação muito grande entre as mudanças econômicas iniciadas no século XVI e a Reforma protestante.

É importante explicitar as diferenças de pensamento entre Lutero e Calvino, os dois grandes impulsionadores dessa ruptura religiosa.

Durante a reforma Protestante, Lutero apregoava a doutrina da justificação pela fé, onde o sentido da fé estava numa “penetração de Deus na alma do crente”. Portanto, o seguidor da religião reformada deveria manter a humildade e simplicidade da penitência cotidiana, uma exteriorização diária de arrependimento em forma de jejuns, orações, e outros atos relacionados à fé em Deus, para a remissão dos pecados e a salvação. Ao mesmo tempo, manifestava profunda hostilidade em relação às práticas capitalistas, considerando-as "obra do demônio".

A esse respeito, o sociólogo alemão observa: “[...] em razão de sua doutrina de graça, faltava justamente uma sanção psicológica da conduta sistemática que o compelsse à racionalização metódica da vida.” (WEBER, 1992)

Muitas vezes o comportamento social dos primeiros adeptos de Lutero não condizia com os conceitos morais da época, pois na fé luterana, o cristão tinha apoio em sua espontaneidade e na expressão de suas emoções. Não raro eram

²² Philip Kotler, professor pós-doutorado em matemática em Harvard e em ciências comportamentais na Universidade de Chicago, considerado pelo Management Centre Europe "o maior dos especialistas na prática do marketing".

encontrados luteranos degradados pela embriaguez e vulgaridade. Isso explica as penitências severas que eram exigidas dos seguidores da religião reformada.

Por sua vez, Calvino considerou o cristão livre de todas as proibições inexistentes nas Escrituras. Essa perspectiva tornou lícitas práticas da burguesia mercantil e financeira como o empréstimo a juros, condenado com veemência pela Igreja Católica e visto com desconfiança por Lutero.

Na esfera especificamente religiosa, o teólogo francês apregoava que “Deus não existe por causa do homem e sim o homem por causa de Deus”. Um dos fundamentos de sua doutrina era a predestinação: apenas uma parte da humanidade encontraria salvação enquanto a maioria seria condenada. Para os calvinistas, a fé deveria ser provada por seus resultados objetivos, pelas obras de cada indivíduo, num tipo de conduta cristã que serviria para proclamar a glória de Deus. Vale ressaltar que não apenas as boas obras eram importantes, porém a santificação por elas. Isso representou um risco para os governantes laicos, uma vez que estes perdiam poder para os líderes religiosos envolvendo questões políticas. Nas palavras de Weber:

“[...] a aristocracia espiritual dos monges estava sendo substituída pela aristocracia espiritual dos predestinados santos de Deus, integrados ao mundo. [...] Assim, o ascetismo, quanto mais intensamente dominasse o indivíduo, tanto mais o afastava da vida cotidiana, pois a vida mais santa consistia justamente na superação de toda moralidade laica.” (WEBER, 1992)

Na questão midiática contemporânea, mistura-se um pouco dessas duas linhas de pensamento. Os apresentadores dos programas evangélicos da televisão veiculam uma “ideologia luterana” – o telespectador pode conseguir o que quiser, é só querer, com bastante fé –, porém também continuam ligados ao pensamento calvinista: o crente só conseguirá o que deseja se comparecer ao endereço mostrado no rodapé da tela de TV, endereço do templo religioso ao qual o programa faz menção.

Com o tempo, o leque das denominações evangélicas se ampliou. Ainda no século XVI, o rompimento do rei Henrique VIII da Inglaterra com o pontífice romano resultou no surgimento do Anglicanismo. A nova religião foi vista com desconfiança, como “catolicismo disfarçado”, pelos puritanos, corrente calvinista inglesa. Eles desempenhariam um papel fundamental na Revolução Inglesa do século XVII e no início do povoamento das colônias britânicas da América do Norte.

No século XVII, uma dissidência do Luteranismo deu origem ao Pietismo. A nova seita pode ser considerada uma espécie de ponte entre o Luteranismo e o Calvinismo, devido a suas origens e à sua crença na doutrina da predestinação. É interessante observar que os dogmas puritanos se opunham as manifestações pietistas de exteriorização de emoções. Mesmo assim, a adesão dos líderes puritanos à nova doutrina foi maciça.

Os adeptos do Pietismo declaravam possuir os “frutos da fé”²³, que seriam mais importantes que o conhecimento teológico. Desse modo surgiu, com os pietistas, uma descrença na “Igreja dos Teólogos”, pois, para eles a teologia não garantia a prova da fé. A Igreja deveria ser visível na terra, manifestando-se na conduta dos fiéis. Colocou-se então a questão da histeria religiosa que levava os pietistas, num ascetismo acentuado, a exteriorizar comportamentos, no intuito de “gozar a vida” junto a Deus na conduta diária. Foi justamente essa exteriorização por vezes histérica que diferenciou o Pietismo do Calvinismo.

Além disso, a emoção podia ter tanta intensidade que a religião assumia um caráter positivamente histérico, resultando na alteração conhecida por exemplos sem conta e neuropatologicamente compreensíveis, de estados semiconscientes, de êxtase religioso com períodos de exaustão nervosa que eram sentidos como “abandono” de Deus. (WEBER, 1992)

Apesar do Pietismo vir acompanhado da doutrina da predestinação calvinista, na Alemanha, o movimento pietista afastou-se dessa concepção.

Outro dado importante inscrito no Pietismo está relacionado ao tipo da graça divina manifestada: ela é oferecida uma única vez aos homens. Trata-se da doutrina do Terminismo, que ainda hoje é aplicada na Igreja Congregação Cristã do Brasil.

[...] o pietismo elaborou ideias [...] Entre elas, figura, por exemplo, a chamada doutrina do Terminismo, que de modo geral (embora injusto) foi atribuída a todo o pietismo, por seus oponentes. Ela supõe que a graça é oferecida a todos os homens, em um momento determinado ou indeterminado da vida, mas sempre pela última vez. (WEBER, 1992)

Os membros da ICCD acreditam que, se um de seus membros cometer um pecado considerado imperdoável como o adultério, ele não terá mais perdão, sendo nesse caso excluído do rol de membros da instituição.

Diferentemente dos calvinistas que estavam diretamente ligados aos empreendimentos capitalistas, as fileiras dos pietistas reuniam funcionários, caixeiros, operários e empregados domésticos. Eles se dedicavam ao trabalho missionário e vocacional, com aversão pela especulação filosófica, enveredando “pelos caminhos do ascetismo secular”. Além disso, os pietistas glorificavam a pobreza apostólica dos discípulos e acabavam se acomodando com a vida “que Deus deu”.

²³ Os “frutos da fé” com a exteriorização de emoções evidenciadas pelos pietistas, são similares ao comportamento, visto hoje, nas igrejas denominadas pentecostais. Elas se baseiam no livro I Aos Coríntios, no capítulo 12, onde é relatado sobre os “dons espirituais”. “[...] mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo espírito, os dons de curar; e a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer”. (Bíblia Sagrada)

A convicção dos Calvinistas quanto à autoconfiança na predestinação toma novo rumo no Metodismo, que começou na Inglaterra, no século XVIII, a partir da experiência de fé de um jovem pastor anglicano chamado John Wesley (1703-1791).

O nome Metodismo faz referência ao comportamento do pastor que tinha um sistema metódico no desenvolvimento de suas atividades religiosas de estudo e orações. Para Wesley, os membros da Igreja Anglicana precisavam se santificar mais e conseqüentemente, se preocupar mais com a questão social. Para tanto, a Igreja precisava se renovar. Defendendo esses princípios, o movimento Metodista surgiu em 1738. “O próprio nome já mostra o que impressionava seus contemporâneos, como característica de seus adeptos: o caráter sistemático, ‘metódico’ da conduta [...]” (Weber, 1992)

Numa similaridade com o Pietismo, o Metodismo utilizou-se do ato emocional para provocar a “conversão” de seus fiéis, também levando os devotos a estados de êxtase durante seus cultos. A conduta correta deveria ser acrescida do sentimento de estado de graça. Sendo assim, as obras não são a causa, mas os meios de conhecer o estado de graça de alguém e principalmente, quando são realizadas exclusivamente para a glória de Deus. Surgia então a necessidade de se praticar boas obras “baseando-se no I Evangelho de São João, cap. III, vers. 9” (WEBER, 1992)²⁴

Derivados do pensamento calvinista, no decorrer dos séculos XVI e XVII surgiram o movimento batista e as seitas menonita²⁵ e quaker²⁶. As duas últimas foram classificadas como seitas pelo fato de, na terminologia weberiana, não serem Instituições de Salvação, como as igrejas, e sim grupos mais rígidos e fechados, cujos adeptos deveriam ter uma conduta exemplar, sob pena de expulsão.

Os sacramentos foram desvalorizados pelos grupos batistas e pelos predestinacionistas, oriundos do calvinismo, com a preocupação de levar seus crentes a se importarem com a fé, no sentido de conhecimento das doutrinas da Igreja, contrita busca da graça divina, expressa por um comportamento inspirado no dos apóstolos.

O modo de vida bíblico foi concebido pelos primeiros batistas da Suíça e da Alemanha do Sul com um radicalismo similar àquele do jovem São Francisco, como rígido desligamento de todo gozo da vida, como uma vida moldada diretamente no exemplo dos apóstolos. (WEBER, 1992)

²⁴ I S. João, Cap III, vers.9. “Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus.” (Bíblia Sagrada)

²⁵ “A seita à qual Menno Simons, em seu *Fondamentboek* (1539), deu a primeira doutrina razoavelmente consistente, desejava, como as demais seitas batistas, ser a verdadeira Igreja irrepreensível de Cristo; da mesma forma que a comunidade apostólica fora composta exclusivamente daqueles que pessoalmente foram despertados e chamados por Deus.” (WEBER, 1992)

²⁶ “[...] ideia da continuidade da revelação desenvolveu-se a conhecida doutrina, mais tarde consistentemente elaborada pelos quakers, da importância do testemunho interior do Espírito na razão da consciência. [...] em seu termo, eliminaria radicalmente todos os resquícios da doutrina da salvação através da Igreja, até mesmo, como entre os quakers, o batismo e a comunhão.” (WEBER, 1992)

As pessoas tinham que buscar a luz interior, inclusive para entender as revelações bíblicas de Deus. As boas obras faziam parte do código de conduta dos batistas, equivalente à prática calvinista, porém, a ideia da “espera” pela ação do Espírito já ia contra os preceitos da doutrina da predestinação. Essa espera, justamente apresentada na maioria das igrejas na atualidade, constitui-se no momento de abdução que a fé protestante declara, em que os crentes irão reinar com Cristo por um milênio²⁷.

Toda essa vasta gama de interpretações das sagradas escrituras contribui apenas em um aspecto em nosso estudo: é que elas se revezam conforme a abordagem do locutor para que os telespectadores sejam convencidos em participar daquela religião que está sendo apresentada. “Para muitos estudiosos da religião o pluralismo de religiões e crenças é classificado como um “fenômeno” analisado a partir da investigação da oferta religiosa [...]” (PATRIOTA 2007)

Conforme comentado por Adorno, o aparelho televisor funciona como centro de convergência que acolhe o espírito gregário do ser humano. Desde muito jovens as pessoas passam a viver na dependência do aparelho de televisão, sentam-se diante desse objeto, chamado por ele de “mágico” – e, para esse espectador, o aparelho sempre responde. Desse modo, a sociedade contemporânea constrói e é continuamente reconstruída pela televisão, fenômeno que ajuda a entender o crescimento violento, nos últimos anos, de algumas igrejas apoiadas na mídia eletrônica.

Tal como um rito pós-moderno, o hábito de assistir à TV produz marcas no espectador, pois suas imagens sucedem-se rapidamente, fragmentadas, provocando sensações, despertando desejos e necessidades. Em muitos casos, ela se encarrega de constituir a identidade do telespectador.

²⁷ “Mas, desde que a predestinação foi rejeitada, o caráter peculiarmente racional da moralidade batista apoiou-se psicologicamente, acima de tudo, na ideia da ‘espera’ [...] Esta espera pode, naturalmente, sob condições históricas, resultar em profecias e, enquanto sobreviverem esperanças escatológicas, em certas circunstâncias, até em entusiástica eclosão de ‘quilliasmo’, *** como é possível em todos os tipos similares de religião.” (WEBER, 1992) - Nota de rodapé. *** Palavra oriunda do grego chiliasmo: crença na volta de Cristo à Terra, para nela reinar por um milênio.

3 DO FERVOR RELIGIOSO À “SUPERFICIALIDADE” DA CRENÇA

O fenômeno religioso em suas diversas significações diz respeito a experiências da afetividade, isto é, consiste em respostas à condição do homem no mundo. Nesse aspecto, Freud (1978) analisou a necessidade que o homem tem de se apoiar em uma religião, que se vincula ao seu estado infantil de afetividade e desamparo. Com a presença de Deus, ele pode se sentir resguardado, como se recebesse a proteção de um pai.

Quanto a questões de religião, as pessoas são culpadas de toda espécie possível de desonestidade e mau procedimento intelectual. Os filósofos distendem tanto o sentido das palavras, que elas mal retêm algo de seu sentido original. Dão o nome de 'Deus' a alguma vaga abstração que criaram para si mesmos e, assim, podem posar perante todos como deístas, como crentes em Deus, e inclusive gabar-se de terem identificado um conceito mais elevado e puro de Deus, não obstante significar seu Deus agora nada mais que uma sombra sem substância, sem nada da vigorosa personalidade das doutrinas religiosas.(FREUD, 1978)

Essa diluição da figura divina acentuou-se no decorrer do século XX. Devido ao desencantamento com a vida difícil que uma grande maioria tem experimentado, e também à simplificação de imagens e conceitos inerente à cultura de massa, muitas pessoas buscam um Deus mentalizado como a "sombra sem substância" de que falava Freud. A mídia acentuou essa tendência. Os programas religiosos do rádio e da TV sublimam a imagem de Deus, e isso faz com que muitos mistifiquem uma divindade que, como uma fada madrinha, poderá cumprir os desejos de todos.

Segundo Freud, as mais nobres sublimações do complexo paternal estão presentes na construção da ideia de Deus. O homem que não consegue imaginar um mundo sem a pessoa dos “pais”, que se vê lançado num universo onde, sem eles, sente-se desprotegido, gera a imagem de um Pai superior. Com a confiança de possuir um Pai que é um Deus justo mas benevolente, ele pode compensar as privações por que passa e os sofrimentos impostos pela dura realidade social em que vive.

Freud ainda diz que tudo isso é uma ilusão religiosa e que está sujeita ao abandono quando o homem substituir essa doutrina de valores sentimentais por outra que seria a expressão da primazia do intelecto, que é a ciência. Ele afirma que a ciência já alcançou importantes conquistas para a sociedade e que o desenvolvimento das concepções científicas organizaria melhor a vida humana.

Se pensarmos no século XVII europeu como um marco do início do que Weber (1992) denominou desencantamento do mundo, será importante considerar a crescente racionalização de ciência, a formalização da razão, a intelectualização. Para isso, voltemos um pouco ao aspecto do progresso econômico do século XVI, abordado em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, (Weber, 1992, p. 32). Segundo o sociólogo alemão, o progresso é definido como “a busca do lucro, sempre renovado por meio da empresa permanente, capitalista e racional”. Ele atribui a expansão capitalista do mundo ocidental “às forças mágicas e religiosas e

as ideias éticas”. “[...] a influência de certas ideias religiosas no desenvolvimento de um espírito econômico, ou o ethos de um sistema econômico”.

Esse mundo em processo de vigoroso crescimento econômico e, simultaneamente, de desencantamento mostra-se bem diferente do "universo encantado" de que fala Rubem Alves.

Houve tempo em que os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Tão raros que eles mesmos se espantavam com sua descrença e a escondiam, como se ela fosse uma peste contagiosa. E de fato o era. Tanto assim que não foram poucos os que acabaram queimados na fogueira, para que sua desgraça não contaminasse os inocentes. Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso, e a conversa cotidiana, este tênue fio que sustenta visões de mundo, confirmava – por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas – que este é um universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás e através de cada coisa e cada evento, se esconde e se revela um poder espiritual. O canto gregoriano, a música de Bach, as telas de Hieronymus Bosch e Pieter Bruegel, a catedral gótica, a Divina Comédia, todas essas obras são expressões de um mundo que vivia a vida temporal sob a luz e as trevas da eternidade. O universo físico se estruturava em torno do drama da alma. (ALVES, 1999).

A sociedade contemporânea incorporou temores tipicamente medievais ao mundo desencantado, de certo modo redefinindo seu sentido. A questão do terror humano sobre o futuro incerto, as doenças deste século e as que vieram no final do século passado, muitas vezes citadas como pragas apocalípticas (gripe do frango, gripe suína, AIDS, doença da vaca louca etc), coisas passíveis de acontecer e outras previstas que ainda não vieram, ou se vieram ainda não foram esclarecidas por especialistas quanto a sua origem e solução. Criam-se muitas vezes, através da própria mídia, expectativas de que os cientistas venham explicá-las ou mesmo trazer antídotos para elas ou coisa parecida. Não raro, a mídia recorre a fortes metáforas em campanhas que procuram levar os telespectadores a algum processo de intimidação por sua argumentação, quando trata de questões caóticas.

Esse tipo de direcionamento da visão da maioria dos indivíduos pode levar a um sintagma de desencantamento do mundo, como observou Pierucci (2005) ao examinar as reflexões do filósofo alemão Friedrich Schiller (1750-1805), que serviu de inspiração a Weber. Para o desencantamento do mundo há dois sentidos do sintagma, segundo Pierucci (2005):

Primeiro, o desencantamento do mundo pela religião.
Segundo, o desencantamento pela ciência.

Não obstante o século XVII ser o século da ciência moderna, ele também é o herdeiro das guerras de religião entre católicos e reformados. Espinosa²⁸ retratou no

²⁸ Baruch de Espinosa foi um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da chamada Filosofia Moderna, juntamente com René Descartes e Gottfried Leibniz. Refugiara-se com sua família judaica portuguesa em Amsterdã.

Tratado Teológico-Político sua interpretação das escrituras sagradas, aprovando a possibilidade de o homem filosofar sobre qualquer assunto, nesse caso, até mesmo sobre os textos bíblicos. Ele também tratou de se esquivar das acusações a seu respeito, em relação ao seu “filosofar” sobre as escrituras.

[...] que as controvérsias dos filósofos desencadeiam na Igreja e no Estado as mais vivas paixões, originando os ódios e discórdias mais violentos, que facilmente arrastam os homens para sublevações e tantas outras coisas que seria longo descrever aqui [...]. (ESPINOSA, 1655)

Espinosa buscava uma interpretação científica da Bíblia, opondo-se aos comentadores que a interpretavam conforme suas próprias ideias. Ele defendia a tese de interpretar a Bíblia pela própria Bíblia, tratando-a como uma obra literária sagrada. Oponha-se nesse ponto a Santo Agostinho, que acreditava que a palavra bíblica era pressuposta. Santo Agostinho tinha a Bíblia como verdade, mas acreditava que muitos caminhos conduziam até ela.

Andam quase todos a fazer passar por palavra de Deus as suas próprias invenções e não procuram outra coisa que não seja, a pretexto da religião, coagir os outros para que pensem como eles (ESPINOSA, 1655).

Para Espinosa, o método de interpretação é que deveria ser revisto. Segundo ele, a Bíblia deveria ser interpretada à “luz natural” – que para ele era sinônimo da “luz da ciência” – e não conforme a imaginação humana. O método de interpretação deveria ser o de recorrer à história; seria preciso, inclusive, dominar a língua hebraica, entre outras em que foram escritos alguns livros bíblicos, para entender o significado original das palavras que sofreram mudanças ao longo do tempo. A partir daí, poderiam ser tiradas definições e interpretações conforme o pensamento de cada autor. O *Tratado Teológico-Político* vai evidenciar a diferença entre Teologia e Religião, com uma preocupação em mostrar de um lado o aspecto científico e do outro a “inspiração” muitas vezes humana.

Esse entendimento sobre ciência e religião tem sido discutido de tempos em tempos, e tem sido a causa das divisões das religiões atuais. Cada linha de pensamento busca sua regra de fé e prática a partir da sua interpretação em relação às sagradas escrituras. Apesar de tanta discussão e do apontamento dos muitos caminhos que chegam a Deus, o objetivo primordial continua sendo a busca do “sagrado”.

Pierucci (2005) afirma que a Sociologia da Religião se ocupa de duas formas de relação com o sagrado: através da magia e da religião.

Sobre a magia, Weber faz dela uma representação anterior à da religião, com o estágio “animista” de uma humanidade imersa num mundo cheio de espíritos, nem essencialmente bons, nem essencialmente maus, apenas capazes de influir de maneira favorável ou não na vida humana, habitando de maneira invisível um universo não dual.

A comunicação midiática utiliza-se muitas vezes do tema “espíritos”. Estes são objeto de livros, filmes e reportagens que não raro focalizam culturas

fundamentadas em rituais religiosos nos quais se presta homenagem a esse tipo de entidade. Para chamar a atenção dos telespectadores, que em sua maioria são movidos pela curiosidade em relação ao desconhecido, algumas linhas de pensamento religioso apelam para conjurações de espíritos.

A ideia de conjuração é importante: Weber faz alusão à religião que investe contra a magia vendo-a como “coerção do sagrado, compulsão do divino, conjuração dos espíritos”. É interessante pensar nesse ato de conjuração como questão de encantamento. Esse ato leva muitas pessoas a um estado de encantamento visual, através desses programas de TV, nos quais o apresentador aparece como alguém dotado de autoridade para lidar com espíritos (demônios). O indivíduo desencantado, ao escutar os argumentos do locutor, é levado a acreditar que sua sorte pode estar intimamente ligada à questão dos espíritos. O deslumbre que acontece no indivíduo ao se deparar com esse tipo de espetáculo, muitas vezes o tira do conforto de sua casa ou mesmo do desencantamento em que vive, e o lança numa busca ativa do sublime. Ele passa a não mais se prender a um programa televisivo, deslocando-se a um templo religioso onde verá o mesmo espetáculo, porém ao vivo.

Esse espetáculo é, em uma perspectiva nietzscheana, justamente o que deve ficar oculto ao crente, quer dizer, o espetáculo de nossa nulidade, de nossa impossibilidade de lidar com o não-sentido das coisas. Na impossibilidade de criá-lo, somos assombrados por fantasmas do tédio e do desespero. Razão pela qual Nietzsche vê a questão do “lado bom e lado mau” de maneira um pouco diferente, pois para ele, a vida do ser humano é composta por uma bipolaridade, e este deverá, de certo modo, “acostumar-se” com essa situação.

Em seu livro *A Gaia Ciência*, Nietzsche apresenta um dos seus pensamentos mais aterrorizantes denominado por ele “Eterno Retorno”. Ele faz alusão à abordagem feita a uma pessoa por um demônio que lhe apresenta uma questão: a possibilidade de viver uma segunda vez a mesma vida que ela viveu. O ponto chave seria a resposta que a pessoa daria ao demônio, dando chances a um diálogo. As respostas seriam de reprovação ou aprovação da questão.

Esse diálogo faz-nos lembrar as entrevistas que ocorrem nas “sessões de descarrego” que mostram esse assombro, comentado por Nietzsche onde a pessoa possui, atormentada, muitas vezes se joga no chão falando palavrões e conjuras. “Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes [...]” (NIETZSCHE, 2006).

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência - e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez - e tu com ela, poeirinha da poeira! “Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasses assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus e nunca ouvi nada mais divino!”

Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse: a pergunta diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir! Ou, então, como terias de ficar de bem contigo e mesmo com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e chancela? (NIETZSCHE, 2006)

Ainda, no Eterno Retorno, a bipolaridade se altera na vivência em uma constante repetição onde tudo vai e tudo volta, onde um completa o outro como contínuos de um jogo: criação e destruição, alegria e tristeza, saúde e doença, bem e mal, feio e bonito etc. A temporalidade não está presente no Eterno Retorno de Nietzsche, mas o que dá colorido a vida, segundo ele, são as nuances de vivências que se complementam. Para ele, não se trata de uma negação da vida, mas de uma afirmação da vida, pois não se pode crescer se não se experimentar o declínio e vice-versa. Portanto, se Weber (1992) aponta a conjuração dos espíritos como uma das dimensões envolvidas no confronto entre magia e religião, para Nietzsche, isso não teria relevância, porque o indivíduo deveria aprender a conviver com eles. “[...] os homens não têm de fugir à vida como os pessimistas, mas como alegres convivas de um banquete que desejam suas taças novamente cheias, dirão à vida: uma vez mais”. (NIETZSCHE, 2006)

Construiu-se então uma estrutura²⁹ para o conceito do místico, na qual as pessoas se orientavam ou se orientam pelas etapas de deslumbramento com o desconhecido.

A questão da magia através do sistema televisor também pode ser analisada por outro ângulo. Muitos programas midiáticos religiosos utilizam “efeitos especiais” em seus cultos televisivos com o objetivo de deslumbramento do espectador. Lembramos que a televisão tornou-se alvo de divergências entre correntes teóricas que buscaram antecipar os possíveis efeitos desse veículo da indústria cultural na sociedade pós-moderna. Maria Tereza Fraga Rocco (1989) pontua os diversos aspectos de estruturação do texto televisivo tentando resolver o dilema: a televisão deveria basear-se na oralidade ou na escrita para construir seu texto? A autora aponta a especificidade do meio que incute marcas próprias ao discurso. Com isso, a forma mágica apresentada não é oral ou escrita, porém visual, de modo que tenha poder persuasivo e que desperte a cobiça, não num sentido pejorativo, mas de querer ser ou ter aquilo que lhe é passado.

²⁹ Jacques Lacan aborda em seu livro *A Estrutura Ausente* (1976) a questão do estruturalismo. Esse conceito, inicialmente ligado à linguística, baseou-se na análise de contos populares que tinham a mesma estrutura, ações e personagens: em cem contos do folclore russo, havia mais de trinta funções repetidas, isto é, o contexto das histórias era o mesmo. O conceito de estruturalismo foi redefinido por Lévi-Strauss, Lacan e outros autores, segundo os quais um sistema (linguístico, de parentesco etc.) já se encarrega de gerar estruturas. Humberto Eco observa no romance *Em nome da Rosa*: “Estrutura é aquilo que não existe”, pois todas as pessoas que fazem algo, obedecem ordens internas de cada obra (isso para ele é estrutura). A questão do comportamento humano em relação aos conceitos míticos religiosos não muda muito a estrutura do conceito, pois, apesar das diferentes formas de apresentação, o contexto das histórias permanece o mesmo.

Vejam os exemplos de efeitos especiais: a localização virtual do locutor. Muitos programas utilizam-se de locais virtuais em seu desenvolvimento. O locutor encontra-se em um determinado lugar, normalmente muito bem estruturado, com uma arquitetura deslumbrante e, de repente, a imagem é cortada e transportada para outros lugares, sempre retratando locais maravilhosos onde as pessoas desejariam passar momentos de descanso e lazer, embora provavelmente não possam fazê-lo devido a toda sorte de compromissos e a questões financeiras. Fica apenas o desejo virtual/televisivo da pessoa impossibilitada de desfrutar fisicamente desses locais. Ela acredita, muitas vezes, estar vivendo esse momento. É a chamada realidade virtual – um meio de mostrar a magia que a mídia pode formar na mente do indivíduo para encantá-lo, acompanhada de um conteúdo com uma proposta de “mudança de vida” estruturada com a arte televisiva desenvolvida com muita criatividade.

A arte sempre foi um meio de expressão para exteriorizar sentimentos e pensamentos e, em seus primórdios, buscou apresentar uma função ritualística de culto. A reprodução da obra era impensável, pois sua autenticidade consistia nesta aura que só o original podia transmitir. Conforme Benjamin: “[...] as técnicas de reprodução desaturizam a arte, conferindo-lhe atualidade permanente já que, reproduzível, ela se oferece em qualquer circunstância”. (BENJAMIN, 1983)

Para ele, um homem que contempla um quadro transporta-se para seu interior. Tem assim autonomia crítica para assimilar seu conteúdo. Mas quando alguém assiste à televisão, em sua casa, as imagens acabam se precipitando na mente humana, numa avalanche. “A velocidade de sucessão destas imagens não permite contemplações, o olho cansa-se inutilmente em tentar fixar alguma cena.” (BENJAMIN, 1983)

A mágica das montagens, os efeitos especiais das cenas nesses programas, iludem a visão do espectador. A mediação existente entre a interpretação do ator (a obra) e o espectador pela televisão, parece transferir a aura da obra para o aparelho televisor. Isso faz com que surja uma dependência do espectador em relação a ele, “Caixa de Pandora”, responsável em expor um conteúdo que deslumbra, exteriorizando anseios por aquilo que é apresentado.

O discurso televisivo em muitos programas religiosos é veiculado, aprimorado e modificado segundo classes sociais definidas em minuciosas pesquisas de mercado para ser consumido, convocando a massa de telespectadores desencantados a buscar naquela instituição religiosa a “solução de seus problemas”. Essa solução é, antes de mais nada, um caminho que deve indicar algum sentido da vida cotidiana e repetitiva que responda ao “desencantamento”. Desse ponto de vista, Weber (1992) acreditava que a religião é um meio. Por outro lado, irá colocar a religião de maneira desmagificada e dirá “religião é respeito, prece, culto e, sobretudo doutrina. Sendo principalmente doutrina, a religião representa em relação à magia um momento cultural de racionalização (por que não dizer também desencantamento?) teórica, de intelectualização³⁰ com nítidas pretensões de controle sobre a vida dos leigos, querendo a constância e a fidelidade à comunidade

³⁰ Mário Mesquita (2007) explica o significado de "intelectualização", que nada mais é senão o catolicismo encarado como patrimônio histórico e cultural que cada qual pode utilizar para procurar referências ou símbolos, independentemente da qualquer ligação à Igreja instituição.

de culto”. Há uma clara passagem da magia para a religião que é, de certa maneira, pano de fundo para entendimento do desencantamento do mundo.

Cada tentativa de explicação deve, reconhecer a importância fundamental do fator econômico, levar em consideração, acima de tudo, as condições econômicas. Mas, ao mesmo tempo, não se deve deixar de considerar a correlação oposta. [...] As forças mágicas e religiosas e as ideias éticas de dever nelas baseadas têm estado sempre, no passado, entre as mais importantes influências formativas de conduta. (WEBER, 1992).

Pierucci (2005) dá a entender que essa passagem da magia para a religião corresponde termo a termo, como ele diz, “à travessia do império do tabu ao domínio do pecado, da coerção divina para o serviço divino; da chantagem e do conjuro para a súplica e a oração”. É importante valer-se do que o autor utiliza para resumir sua reflexão sobre a separação entre magia e religião:

Weber trata a distinção entre magia e religião de uma perspectiva histórica fortemente travejada por uma visada evolutiva [...] A religiosidade mágica vem desde o princípio, desde tempos imemoriais, literalmente primordiais; a religiosidade ética, por sua vez, ainda não tem três milênios de existência. (PIERUCCI, 2005)

Isso quer dizer que existe um processo longo e gradual de transição, ora mais intenso, ora menos, como, por exemplo, a partir da Reforma protestante do século XVI.

Para entender melhor a fundamentação sobre a escrita weberiana quer dizer com desencantamento do mundo, analisamos que nesse processo de mudança intrigante há uma “co-incidência dos processos de desencantamento e intelectualização religiosa”. Vejamos o texto de Rubem Alves:

A religião não se liquida com a abstinência dos atos sacramentais e a ausência dos lugares sagrados, da mesma forma que o desejo sexual não se elimina com votos de castidade. E é quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, os exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores, os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem... E surgem então as perguntas das horas de insônia e diante do espelho [...]. Promessas terapêuticas de paz individual, de harmonia íntima, de liberação da angústia, esperanças de ordens sociais fraternas e justas, de resolução das lutas entre os homens e de harmonia com a natureza [...]. (ALVES, 1999)

Para o autor, a religiosidade está dentro de cada indivíduo que precisa dessa força maior e superior para dar-lhe segurança e descanso, esse descanso “na alma” e harmonia consigo e com o meio em que vive. Já para Pierucci (2005), a religião é algo que se vive no extracotidiano, mas que se complementa no tempo e espaço cotidianos, tornando-se algo que não se pode separar.

Seguindo adiante, ele destaca três aspectos dos passos para dissecar o mais importante sintagma weberiano: a relação de complementação entre o desencantamento do mundo e a ascese intramundana do protestantismo ascético; desencantamento do mundo no plano das ideias, ou seja, desencantamento das imagens do mundo; desencantamento como moralização religiosa ou eticização³¹ da conduta religiosa.

No primeiro aspecto, o autor mostra que, por ser um processo intrarreligioso, a ascese intramundana associada ao desencantamento do mundo busca, através da intelectualização, tirar dos indivíduos aquilo que há na religião e que se apresenta como mágico para obtenção da graça, elevando-se a busca pelo aperfeiçoamento diário.

Essa busca é incessante, quer na conduta de vida do indivíduo, quer nos negócios.

No segundo aspecto, o indivíduo cria ideias religiosas a partir de sua visão do mundo, ou seja, de acordo com as imagens que ele vê.

Ideias são aqueles pontos de vista suprapessoais que articulam os aspectos fundamentais da relação do homem com o mundo. Em sentido amplo, elas são imagens de mundo, mais precisamente, elas devem sua existência à necessidade, e à busca intelectual de uma narrativa coerente do mundo e, como tal, são criadas predominantemente por grupos religiosos, profetas e intelectuais. (PIERUCCI, 2005)

Podemos entender a questão de como os programas midiáticos atraem e atenção de uma grande massa de telespectadores, justamente pela leitura feita pelos líderes religiosos em relação às imagens atuais vividas pela humanidade. A questão da crise financeira, doenças infecciosas, falta de perspectiva social, má distribuição da renda, entre outros aspectos, levam ao “encantamento”, isto é, a um universo de ideias com uma visão racionalizada na imagem. Segundo o autor, ela poderia ser denominada metafísico-religiosa do mundo, isto é, a racionalização e a intelectualização que permitem, dessa maneira, que o indivíduo veja o mundo.

No terceiro aspecto, do desencantamento como moralização religiosa, é pontuada a questão do processo ético, ligado aos princípios de conduta para “salvação”, isto é, de eticização da religião. Esse processo gera consequências no agir das pessoas pelo fato de ocorrer de dentro para fora, ou seja, é algo que se exterioriza à medida que ele vai sendo implantado como conduta em cada indivíduo. Aqui há nitidamente “duas condições, desencantamento do mundo e deslocamento da via de salvação da fuga do mundo contemplativa para a transformação do mundo ascético-ativa”.

No sentido de sentimento religioso, quando abordamos o tema “desencantamento”, ainda que o conceito possa referir-se à perda do valor, campo

³¹ Mário Mesquita (2007) explica que "eticização" dissocia a mensagem de salvação própria do catolicismo dos valores morais que lhe estão associados, conservando apenas a ética cristã enquanto referência necessária e que, para Weber, ascese intramundana significa o domínio metódico desperto da conduta de vida.

ou qualquer outro elemento relacionado à religião, ele acaba por moralizá-la devido à necessidade de o indivíduo buscar nela meios para se reencantar.

Um triunfo da racionalização religiosa: em termos tipológicos, a vitória do profeta e do sacerdote sobre o feiticeiro: um ganho em religião moral, moralizada, ou seja, expandida em suas estruturas cognitivas e fortalecida em sua capacidade de vincular por dentro os indivíduos. (PIERUCCI, 2005)

O texto vem apenas afirmar a questão de ascese intramundana, na qual a religião racionalizada opera uma internalização para seus fiéis e para aqueles que, antes, buscavam em outros recursos místicos a solução para seu desencantamento, através da eticização. Essa atitude internalizada gera no fiel um comportamento moral intramundano diferenciado.

Pierucci (2005), que aborda em toda a sua narrativa o desencantamento do mundo, dá uma receita para o reencantamento: “o sexo como salvação neste mundo”. Passa-se de uma para outra esfera cultural da vida, que não é a religiosa e sim erótica, esfera na qual habita uma força irracional que é a força sexual, uma das principais dimensões necessárias para reencantar o mundo. Talvez por isso, muitas obras religiosas, pinturas e esculturas foram criadas por artistas devido a uma vida frustrada em relação a uma paixão. O livro *História Geral da Arte*, Volume II, comenta sobre a vida dos artistas que produziram obras imortais, muitas delas polêmicas devido ao direcionamento de sua arte para um lado mais erótico:

Leonardo, Michelangelo, eram homens fechados, egocêntricos e até certo ponto inacessíveis que, instalados no seu próprio reino pessoal, mantiveram frequentemente relações polêmicas com os seus patrões. Com eles, o artista separa-se decididamente da sociedade, começa a situar-se na sua particular torre de marfim: nenhuma consideração extra-artística deve perturbar o ato criador, a quem convém, sobretudo, a solidão. (LOPERA, 1996).

De Michelangelo, temos algumas obras polêmicas para a época, como por exemplo a estátua de Davi que o mostra despido³², os afrescos do teto da Capela Sistina³³, com a pintura monumental de cenas do antigo testamento como *A Criação de Adão*, *A Expulsão do Paraíso* e *O Dilúvio*. O alemão Albrecht Dürer pintou *O Gênesis*, obra na qual o castigo divino e a vergonha de Adão somam-se aos magníficos corpos nus. A mulher despida tornou-se motivo de obsessão, uma forma de arte a ser aperfeiçoada, entre outras pinturas e estátuas que têm um forte teor erótico, mostrando a nudez ou a seminudez de personagens religiosos.

Numa cultura capitalista, onde tudo pode ser comercializado e gerar lucro, a conversão do corpo em mercadoria torna-se inevitável. Mas outros aspectos entram em cena, como o da emancipação dos costumes. A exposição total ou parcial dos genitais em obras de arte faz parte da questão moral, uma das mais debatidas no tocante aos meios de comunicação – jornais, revistas e principalmente a televisão.

³² Em 1501, onde Michelangelo utilizou um bloco de mármore cortado por Agostino di Duccio.

³³ Encomenda do Papa Julio II, realizada entre 1508 e 1512.

Trazendo o contexto da nudez para a mídia, não vemos nos programas televisivos religiosos a questão do apelo ao corpo despido. Ao mesmo tempo, percebemos que todo debate ou crítica sobre a amostra do sexo através da mídia tem acontecido em termos moralistas e não numa abordagem que unisse a defesa ao respeito à intimidade ou a valorização do amor. Quem sabe os artistas que desenvolveram essas imagens tinham esse foco, mas não foram entendidos e não conseguiam expressá-lo na arte que desenvolviam e que, por sinal, destinava-se à instituição religiosa.

Uma questão muito interessante apresentada na leitura feita por Pierucci (2005) leva-nos a uma reflexão sobre nossa conduta relacionada à crença e às coisas da fé, muitas vezes, ou na maioria delas, vindas como receita pronta para as questões que a própria vida nos apresenta como problemas, anseios ou medos. Weber refere-se ao processo de racionalização da religião, onde ela torna-se algo que, em si própria, tem vida e domínio sobre as pessoas, regendo o cotidiano. Com a expressão “Entzauberung der Welt”, esse processo de racionalização da religião produz consequências na conduta de vida de modo ético-ascético. Devido a essa situação casual imposta pela racionalização da religião, Pierucci (2005) diz que:

[...] uma das limitações da ciência mais difíceis de aceitar é justamente essa sua incapacidade de nos salvar, de nos lavar a alma, de nos dizer o sentido da vida num mundo que ela desvela e confirma não tendo em si, objetivamente, sentido algum. (PIERUCCI, 2005)

O autor também aborda a questão do profeta, aquele que profere, que está à frente e que sempre será ouvido pelos seguidores. Para Moses Finley (1983), esse profeta, denominado por ele “chefe religioso”, além do chefe de família e do chefe militar, tem grande influência na política e na economia, inclusive em sua gênese. Em sua obra, Finley apresenta a religião como uma superestrutura influenciada pelos moldes econômicos e de produção – infraestrutura – das sociedades antigas, porém tendo supremacia divina sobre os mortais. Isso nos leva a entender o “ímã” que existe entre a religião e as pessoas que dependem dessa força superior; portanto, é a religião que aparelha a realidade intramundana de sentido. O processo de desencantamento é a saída da magia para a profecia que irá determinar a conduta de vida do indivíduo, sendo, segundo Pierucci (2005), a vontade de Deus, seja ela concreta ou abstrata. Ele trata do profeta na seguinte frase: “é um indivíduo encarregado por Deus de exigir a obediência como dever ético” (PIERUCCI, 2005)

Segundo o autor, os desígnios de Deus, através de profecia (proferida pelo profeta, ou chefe religioso mencionado por Finley), conseguem ser obedecidos pelos seguidores, sejam eles católicos ou protestantes. Porém o autor se dirige mais pontualmente ao protestantismo ascético por ter conseguido aliar uma rejeição religiosa do mundo com uma ascese intramundana regida pela ética protestante amparada no “dever ser”. Voltamos a pensar a questão cultural que muitas religiões apresentam a seus seguidores, em relação aos “modismos”.

Weber (1992) dá subsídios para reencantar o mundo através da força mais irracional do ser humano, que seria o surgimento de uma luta entre duas forças místicas. De um lado está a força mística supramundana, que transcende este mundo através da rejeição religiosa em uma conduta de vida ascética que só terá

sentido se depositar sua esperança de salvação no outro mundo através de um Deus. De outro lado, tem-se a salvação intramundana e, na leitura de Pierucci (2005), “o sexo como salvação neste mundo”.

Quando este autor aborda a questão da salvação intramundana, ele se refere a uma outra possibilidade de romper com as amarras opressivas das inibições e autonegações do mundo moderno como possibilidade mística de salvação, sem sair deste mundo. Porém, é um ponto instigante para pensar sobre a religião, pois o autor subverte muitos dogmas religiosos e suas posturas e até mesmo as crenças que Weber (1992) chamou de “religiões de salvação”, que apresentam como doutrina, a questão da plenitude de salvação no outro mundo para aqueles que depositarem exclusivamente na religião, sua fé e esperança.

4 RELIGIÃO, MÍDIA E MERCADO CONSUMIDOR

Na retrospectiva feita por Penteado (1982) da história do rádio e da TV, ele focaliza alguns momentos interessantes da trajetória do rádio comercial nos Estados Unidos, que depois foi trazido ao Brasil. Durante a Primeira Guerra Mundial, os postos de transmissão radiofônica foram colocados sob a fiscalização do governo e o rádio foi utilizado apenas para fins militares; quando a situação voltou ao normal, a data de 1º de março de 1920 ficou marcada como o início do rádio comercial nos Estados Unidos. Em 2 de novembro de 1920, entrou no ar a estação KDKA, na cidade de Pittsburg. Entre sua programação, temos registros de serviços para a Igreja.

Já a televisão comercial teve início em 1941 nos Estados Unidos. Surgiram apenas seis estações de televisão, pois não havia mais de 10.000 televisores em serviço no país, devido à guerra que veio frear a produção dos aparelhos receptores e do equipamento. Em 1946, porém, a televisão alçou voo sobre bases sólidas, mobilizando meios técnicos aperfeiçoados. Em 1953 a utilização da televisão comercial em cores foi aprovada pelo organismo federal de fiscalização FCC. Em 1970, no Código das Estações de Televisão já estava registrado um capítulo específico para Programas Religiosos (Capítulo VIII):

1. É de responsabilidade do apresentador de televisão tornar acessível à comunidade uma adequada oportunidade para as apresentações religiosas;
2. As transmissões que atingem as pessoas de todos os credos simultaneamente devem evitar ataques à religião;
3. Os programas religiosos devem ser apresentados respeitosamente e autenticamente e sem preconceitos ou expressões de ridículo;
4. Os programas religiosos devem ser apresentados por indivíduos, por grupos ou por organizações responsáveis;
5. Os programas religiosos devem dar ênfase às grandes verdades da religião, excluindo-se a apresentação de pontos de vista controversos ou sectários não direta ou necessariamente correlacionados com a religião ou com a moralidade;
6. Na reserva de tempo para as transmissões de programas religiosos a estação de televisão deve empregar os seus melhores esforços para conceder esse tempo equitativamente entre os representantes de grupos de fé integrantes da sua comunidade. The Code Authority, NAB (BURBAGE; CAZEMAJOU; KASP, 1973)

Desde o surgimento da TV, os líderes religiosos interessaram-se em apresentar seus programas pelo novo veículo da mídia. A Igreja esteve sempre presente nos meios de comunicação em massa para fazer valer seu modo de pensar e disseminar esses dogmas junto à grande massa “desgarrada” que precisa de um pastor.

Hoje, uma bênção de um líder religioso pode ser vista em todo o mundo por meio do sistema televisivo. A participação do telespectador é dinâmica: no momento da oração, este é convidado a fechar os olhos, ou colocar a mão na tela junto à mão de seu interlocutor ou mesmo colocar sobre o aparelho um objeto que fará parte

daquele momento de concentração para a prece, muitas vezes, um copo com água ou um lenço

As campanhas publicitárias na televisão [...] são destinadas a pessoas de qualquer religião. Os pastores, na TV, não fazem proselitismo [...] apenas se referem aos problemas que as pessoas têm – inclusive afirmando que o culto é aberto e praticamente de todas as crenças – e apresentam a solução através de uma prática religiosa [...] (LIMA; REFKALEFSKY, 2005)³⁴

A instituição religiosa, conforme Martino (2003), rendeu-se ao efeito de burocratização inclusive em aspectos organizacionais hierárquicos, descrição de suas funções, nomeações, promoções, carreiras para a formação profissional dentro do sistema religioso da instituição. O quadro tornou-se bem diferente do que existia antes, no qual o indivíduo era aclamado sacerdote ou levita, e levava consigo essa responsabilidade por toda a vida. Hoje existem planos de carreira: o indivíduo pode começar com um cargo específico e posteriormente mudar, se surgir a oportunidade e a oferta para tal.

Além dessa análise organizacional, o pesquisador aborda, em seu livro *Mídia e poder simbólico*, a questão denominada por ele de “religião fast-food”: a dos novos perfis religiosos.

[...] padres-cantores celebram “showmissas” para milhares de pessoas; líderes evangélicos estufam seus templos e suas contas bancárias [...] revistas laicas dedicam páginas às possibilidades da utilização de Deus como agente de negócios [...]. (SOUZA, 1986)

Segundo Transferetti e Lima (2001), a Igreja Católica possui quatro canais de televisão nos vários segmentos: Rede Vida, o “canal da família”; TV Século XXI; Rede Canção Nova e a TV Aparecida. Entre os evangélicos encontramos a Rede Record, pertencente a IURD, porém é uma rede comercial e são poucos os programas ligados à igreja, a não ser aqueles que são apresentados pela madrugada; Rede Gênese, da Igreja Sara a Nossa Terra de Brasília, além dos canais fechados como a da Igreja da Graça.

Marx já comentava que nada é mais sagrado, devido ao sistema capitalista que gera no ser humano a preocupação com o ter, levando-o a esquecer que o ser seria o mais importante. Poucos se preocupam com datas religiosas, inclusive desconhecem seu significado. Um exemplo: segundo a Bíblia, o significado de uma data como a Páscoa é lembrar o sofrimento com ervas amargas e o cordeiro. No entanto, o comércio tem como maior preocupação vender chocolate em forma de ovos e coelhos de pelúcia. Segundo pesquisa realizada pelo Ibope Mídia, informada no portal RCP da *Gazeta do Povo*, a população brasileira que consome chocolate passou de 57% em 1999 para 67% em 2007. Vale lembrar também o período do Natal, comemoração do nascimento de Jesus Cristo. Porém o que as crianças menos lembram é desse motivo, pela preocupação com a chegada do Papai Noel.

³⁴ Cyntia R J Lima e Eduardo Refkalefsky – Capítulo: Posicionamento e marketing religioso iurdiano [...] – Livro *Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo*.

A busca pelo que é mais acessível e agradável expressa-se na superficialidade das crenças, na priorização dos laços entre religião e entretenimento, na ideia de que a religião organiza o tempo livre etc. O indivíduo muitas vezes deixa em segundo plano aquilo que é sagrado para atender apenas suas necessidades pessoais. Observa Martino (2003): buscam-se “as soluções efetivamente religiosas que ofereçam um serviço rápido, fácil e com resultados comprováveis, adaptados, portanto, à realidade de uma sociedade em transformação contínua [...] em outras palavras, é uma religião fast-food”.

O capitalismo transformou nossa cultura em um cenário de consumo generalizado, no qual tudo pode ser comercializado e os valores reais vão ficando em segundo plano. Nesse contexto, a propaganda surge como um recurso de encantamento, um meio de persuadir as pessoas a consumir cada vez mais.

Para Mike Featherstone (1995), a cultura capitalista produz uma teia vasta, composta de signos, imagens, símbolos. Entendo que ao visualizar a cultura de consumo como essa teia, o autor cria a imagem de algo que se ramifica para os mais diversos aspectos da vida em sociedade – inclusive para o aspecto religioso, que é o nosso foco neste estudo. Reforçando essa ideia, alguns pesquisadores chegam a comparar os Shopping Centers a templos religiosos: o comparecimento dos consumidores aos grandes centros de comercialização seria o equivalente da peregrinação dos fieis aos locais de oração.

É nesse cenário de uma cultura de massa dominada pelo consumo que se registra, no Brasil, um forte deslocamento dos seguidores de uma igreja para outra. Segundo diagnóstico do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), entre 10 ex-católicos, sete tornam-se evangélicos.

“De 2000, ano do último censo, a 2003, o número de evangélicos brasileiros passou de 15% para quase 18% da população, conforme estudo inédito na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e coordenado pelo economista Marcelo Néri” (PEREIRA; LINHARES, 2006). Outras projeções apontam para um total de evangélicos correspondente, em 2010, a 19% da população brasileira.

Boa parte desse crescimento deve ser atribuído ao uso intensivo da mídia eletrônica. Com a nova geração de pastores que fazem um trabalho televisivo profissional, surge, no público telespectador, a curiosidade e o encantamento pelo discurso religioso na televisão. Associado a problemas pessoais, crises existenciais e financeiras, a uma situação geral de insegurança, esse discurso leva o espectador a se interessar pela proposta do locutor de autoajuda, cuja mensagem as pessoas carentes estão querendo realmente escutar.

É interessante perceber o quanto esse tipo de programação segue o modelo hollywoodiano: são bem conhecidos os filmes em que o ministro prega com entusiasmo, acompanhado por um coral cantando músicas envolventes. Esse método “cinematográfico” é utilizado, nos Estados Unidos, por pastores famosos como Jimmy Swaggart, Rex Humbard e Billy Graham. As contribuições para que o programa se mantenha no ar normalmente são feitas pela aquisição de produtos oferecidos pela própria instituição religiosa como livros, CDs e DVDs. Alguns

apresentam o número da conta bancária no rodapé da tela para que os fiéis contribuam por meio de depósitos.

Já a IURD recorre a um método diferente, ela não vende nenhum produto ou pede contribuições através de seus programas. Em vez disso, a igreja convida os telespectadores, após o programa televisivo, a se dirigir ao templo mais próximo para receberem orações e bênçãos. As contribuições são solicitadas nesses locais e não nos programas de TV. Para alguns pesquisadores, esta é a melhor estratégia para fidelização das pessoas: quando você trata o outro o mais próximo possível, podendo apresentar suas ideias cara a cara.

Um parêntese esclarecedor: trabalhei alguns anos na área de marketing de uma empresa multinacional que fabrica baterias veiculares, e durante esse tempo uma das questões centrais era levar os clientes a adquirir nosso produto.

Nossa estratégia era de, no ponto de venda (PDV), desenvolver ações de merchandising que pudessem convencer o cliente a comprar nosso produto e não o da concorrência. Percebemos através de alguns estudos que 80% da decisão de compra e escolha da marca aconteciam no próprio PDV conforme a abordagem do vendedor. Nossa bateria veicular era uma das mais caras no mercado, porém a preocupação em treinar os distribuidores, em desenvolver ações de motivação para os revendedores com premiações nos manteve na vanguarda de vendas. Lembro que recebemos alguns prêmios “Top of Mind”.

Em resumo, a conversa corpo a corpo ainda é a que traz melhores resultados, gerando afetividade e empatia para a aceitação daquilo que está sendo proposto.

Programas como o da IURD e da Igreja Mundial têm como prioridade o depoimento dos fiéis que receberam algum milagre, uns com pouco tempo de igreja e outros com mais tempo, porém todos com depoimentos impressionantes. Na Rede Aparecida, os programas são diversificados, porém o programa principal é a missa, transmitida na íntegra, e o momento da reza do terço. Não apresentam grandes atrativos visuais ou musicais, além da liturgia da missa. Em contrapartida existem programas como o da Voz da Verdade, na rede TV, onde os locutores se portam de maneira informal e apresentam, no pouco tempo de que dispõem, uma breve mensagem e músicas do conjunto musical da Igreja, gravadas em grandes apresentações.

O verbal da televisão é oralidade e é escrita, sendo também, e a um só tempo, um outro tipo de verbal em que ambas as modalidades são submetidas a rigorosos e diferentes processos de construção, conforme as regras do próprio veículo, processo que nem sempre ocorre quando da feitura do texto escrito fora da TV ou em situações de interlocução espontâneas. (ROCCO, 1989)

Em nosso dia a dia, somos bombardeados com informações, propostas, apresentações encaminhadas com as mais diversas intenções. Uma das coisas que chamam a atenção é o tipo de argumentação que acompanhará determinado produto, e que poderá ou não gerar a cobiça em seu *target*, ou seja, em seu possível

consumidor, especialmente num veículo como a televisão, um dos meios mais eficazes para alcançar amplas massas.

O texto televisivo, diferentemente do texto escrito, é oral (verbal) e normalmente virá acompanhado da performance de seu orador (locutor) para seu interlocutor (espectador) ancorado pelas imagens em constante movimento. Rocco (1989) afirma que o oral é mais espontâneo e menos planejado que a escrita, deixando sua representação mais fragmentada. Segundo ela, o trabalho textual é mais calculado e construído, enquanto o oral não permite que se retenha a mesma quantidade de informação escrita.

A autora também menciona a questão da argumentatividade, baseada no pensador belga Chäim Perelman, autor do *Tratado da Argumentação*. Dessa perspectiva, o texto persuasivo, exposto através da argumentatividade, se equilibraria no tripé auditório (pessoas que estão sendo alvo da argumentação), discurso e orador, ancorado pelas imagens em constante movimento³⁵.

A questão da substituição da leitura pelo oral televisivo reflete-se na precária formação do repertório do sujeito; a cultura industrial está subsidiada pelo oral televisivo que contribui para que o indivíduo dedique mais horas à TV do que à leitura. Convenhamos que é bem mais cômodo receber informações pela oralidade destas através do sistema televisivo pois o envolvimento entre os falantes é maior. Sabe-se que o dialogismo estabelecido, a fala predominante, pertence à televisão. Surge então o podemos denominar “domínio dialogista”, no qual, aparentemente, existem diálogos, porém estes já foram pré-estruturados em um script para que o telespectador sinta-se entretido ou mesmo persuadido por aquilo que está sendo exposto. Com essa estratégica abordagem televisiva, o indivíduo menos esclarecido e em situação propícia à aceitação emocional passa a se interessar pela busca da “receita” apresentada. Uma situação como essa leva muita gente a mudar seus conceitos de vida, de identidade, até mesmo a mudar de religião.

Os programas religiosos apresentados na mídia enquadram-se nessa perspectiva, pois a “falsa integração”³⁶ apresentada por Rocco (1989) enfatiza

³⁵ É interessante analisar a estrutura da argumentação com base no conceito laciano de estruturalismo. A formação de uma estrutura se dá através de um quadro de conteúdo semântico que podemos utilizar no conceito de argumentação:

- O quê? Refere-se ao conteúdo e pode ser dito de muitas formas.

- Como? Refere-se à forma.

- Com quem falo? Pressupõe modelos comunicacionais que são manipuláveis e determinam o discurso que o indivíduo quer falar, está na semiosfera.

Para Lacan, os sistemas são considerados estruturas que nada mais são que um conjunto de regras mediado por códigos para uma massa da população. Ele classifica os mediadores como os aparelhos tecnológicos, incluindo a TV, como um recurso midiático que utiliza códigos de comunicação para uma massificação (modelo das narrativas televisivas).

³⁶ Cabe examinar a questão da comparação, comentada por Rocco. Normalmente, o que é apresentado através dos programas midiáticos religiosos é o antes, “como eu era” e o agora “como estou”, numa comparação de cenários que permitiria ao espectador visualizar sua posição atual.

Tanto a imagem como o verbal televisivo têm exercido uma ampla autoridade sobre o telespectador, utilizando-se dos recursos de persuasão, da argumentatividade baseados em situações de prestígio sempre a “partir de”. Seus efeitos irão desembocar em mais um padrão da indústria cultural: o mimetismo, que nada mais é do que a comparação que o telespectador faz em relação a sua situação com a do locutor.

parâmetros da cultura de massa, entre eles a proximidade dos interlocutores em virtude da relação face a face. Isso gera maior envolvimento entre os falantes e o público espectador repousa, respondendo de forma muda à fala predominante que pertence ao programa assistido.

As respostas dadas por esse espectador são respostas em seus comportamentos, hábitos, ações, falas, procedimentos, a partir do momento em que o discurso autoritário do programa conseguir persuadi-lo. “[...] o sistema televisivo brasileiro foi implementado a partir dos anos 50 seguindo o modelo americano, e, portanto, construído em íntima relação com a publicidade.” (RAMOS, 1995)

Pelo fato de termos, hoje, um sistema televisivo que segue o modelo americano, é natural que se crie um estímulo à imitação do consumismo dos EUA. A sequência da programação televisiva é incessantemente repleta de anúncios publicitários em seus comerciais ou mesmo durante as programações: a proposta de consumo é incessante. As autoras Laura Figueiredo, Sueli da Costa e Jacqueline Barbosa (2006) deixam bem claro que o conceito de publicidade envolve uma conotação comercial. Quando tratamos de publicidade, normalmente também nos referimos à propaganda. Estudiosos da área de comunicação se empenham em diferenciá-las. As duas sempre estarão apresentando algo, porém uma em forma de disseminação de uma ideia (propaganda) e a outra voltada para a comercialização (publicidade).

Vale a pena lembrar que o vocábulo “propaganda”, proveniente do latim *propagandus*, foi extraído do nome *Congregatio de propaganda fide* (em tradução literal: “Congregação da fé que deve ser propagada”), [...] para divulgar a fé católica. (FIGUEIREDO, COSTA, BARBOSA, 2006)

“Trechos de narrativa se fundindo com comerciais e pedaços de filmes anunciados nos intervalos, num processo confuso e ilógico” (RAMOS, 1995). O espectador deveria processar esse bombardeio de propagandas e publicidades em comerciais durante toda a programação televisiva, inclusive nos programas religiosos. Muitas vezes, esses comerciais contaminam a narrativa, determinando padrões. Mais precisamente, ao ser inserido nos programas televisivos, o comercial fragmenta o raciocínio do espectador, que até então estava atento ao discurso feito pelo orador. Muitas vezes o comercial dentro do programa é curto, rápido e excitante devido ao fato de sua inclusão estar alinhavada num contexto de interesse do espectador.

Os atos de uma pessoa que goza de prestígio são amplamente reconhecidos a ponto de serem imitados socialmente, quando não incorporados pelos auditórios como critério de valor e medida de julgamento (ROCCO, 1989)

O mimetismo está intimamente ligado ao consumo, pois proporciona ao indivíduo a oportunidade de fazer comparações com o que está sendo apresentado pelo programa e projetar assim sua situação com a do locutor. Este muitas vezes é um convidado do programa e se utiliza do pronome “nós”, carregado de emoção, levando o telespectador a se identificar com aquele momento e com aquela situação.

A autora faz alusão à questão de prestígio pelo fato de o locutor estar numa posição acima do telespectador, no sentido de poder ser visto dentro da casa por uma enorme quantidade de pessoas. Ele pode ser aceito ou não, mas acaba conquistando grande audiência, devido à curiosidade do público em saber sobre o novo, sobre aquilo que, mesmo não fazendo parte de sua crença, ele acaba visualizando.

Charles-Pierre Baudelaire, no século XIX, ao cunhar a palavra modernidade, referia-se ao efêmero, ao transitório, ao contingente. Mas o termo também pode ser aplicado ao homem inscrito no mercado capitalista, em mudança incessante em razão da obsolescência permanente e programada das mercadorias a fim de manter o mercado em funcionamento para o acúmulo, acréscimo e acumulação de capital. É esse homem que experimenta a modernidade e muitas vezes se torna um brinquedo dos processos de acumulação do capital quem procura novos rumos para a salvação.

Uma parcela das pessoas que mudam de religião como se isso fosse uma negociação de troca de mercadoria, não permanecem por muito tempo nessa nova igreja, pela razão de sua fé não ter sido edificada em alicerces sólidos de crença e confiança. Muitas vezes a emoção fala mais alto do que a razão e isso leva a atitudes imaturas e sentimentais. É o que Sthler (2005) em relação às igrejas e movimentos religiosos tradicionais que sentem dificuldade em transpor suas mensagens para a nova linguagem da mídia eletrônica. De fato, não é sem tropeços a passagem das igrejas acostumadas a dedicar-se à leitura dos textos sagrados com toda a calma, ao longo da semana, para meios de comunicação com propostas de respostas imediatas para os pedidos dos fiéis. Como observa o autor, as igrejas disputam corpos e mentes – como aconteceu no momento da ruptura religiosa de Martinho Lutero.

[...] quem não se adaptou à nova realidade frequentemente vê seus templos ficarem mais vazios ou não terem o crescimento do número de fiéis como gostariam. Há uma verdadeira batalha por corpos e mentes entre diversas denominações e, até mesmo, religiões, que se explicitam nos locais de culto, meios de comunicação e produtos midiáticos, tais como CD, DVD, softwares, VHS e outros. (STHLER, 2005)

CONCLUSÃO

Aporias da Religião: Aporias do Mundo Contemporâneo.

Consideramos que Weber detecta no espírito do capitalismo um sucedâneo secularizado da transcendência religiosa. Esse espírito gera uma mentalidade que não busca simplesmente o lucro e o acúmulo de riquezas, mas forma uma visão de mundo que influencia a conduta das pessoas.

Segundo o autor de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, dentre as várias correntes da Reforma, foi a doutrina teológica calvinista a que mais contribuiu para a força e a originalidade de uma moral econômica favorável ao capitalismo, sistema dedicado à busca de riqueza num mercado competitivo.

Na sociedade contemporânea, esse mercado competitivo se estende à esfera religiosa através dos veículos midiáticos, entre eles o mais cobijado, a Televisão. Pesquisa apresentada pelo site *choicestream* revela que os americanos já não têm utilizado o aparelho de TV unicamente para obter informações, para aumentar seu conhecimento em relação a determinado assunto ou mesmo para entretenimento, mas assistem à TV pelo computador, fazem compras online ou pela televisão e entrelaçam cada vez mais os canais midiáticos: TV, computador, celular, notebook, smartphone.

Enquanto nós brasileiros estamos nos acostumando à TV digital, ela já é realidade nos Estados Unidos há algum tempo. A empresa Choice Stream, especializada nesse terreno híbrido marketing-televisão-internet, realizou uma pesquisa para detectar os hábitos dos Americanos; o universo da pesquisa foi de 824 pessoas, adultos usuários de internet, com a importante peculiaridade de que 90% delas realizaram compras online nos últimos seis meses. A Choice Stream disponibilizou para download os resultados da pesquisa (é necessário cadastramento); análises do estudo foram publicados no *Businesswire*³⁷ e no *Multichannel*³⁸.

Alguns dos resultados da pesquisa:

- 55% dos entrevistados afirmaram que assistem a programas de televisão em meios que não são os aparelhos de TV; nas faixas mais jovens, entre 18 e 24 anos, a proporção sobe para 66%;
- o principal meio alternativo aos televisores são os computadores, usados por 36% dos entrevistados; outros meios são celulares, notebooks e smartphones (iPod);
- 65% afirmam assistir à programação convencional; apenas 39% declararam assistir ao conteúdo gerado por usuários;
- 62% dos entrevistados afirmam que gastam mais tempo do que o desejado para encontrar um programa que lhes agrade quando assistem no computador; essa cifra é alta (reflexo da qualidade da programação), mas sobe para 72% quando se trata dos que assistem à TV em televisores normais;

³⁷ Business Wire é a principal fonte de press releases (assessoria de imprensa), com fotos, multimídia e arquivos de regulamentação de empresas e grupos de todo o mundo.

³⁸ Revista virtual, com versão impressa.

- 23% das pessoas assiste aos comerciais, embora pudessem evitá-los.

A Choice Stream pretende expandir e dominar esse nicho de oferecer a cada usuário a programação que ele quer, aumentando assim a audiência (e as vendas) dos geradores de conteúdo. (Fonte: <http://www.notebooks-site.com/blog/pesquisa-americanos-estao-vendo-tv-no-computador/>)

Com a doutrina da predestinação fundamentada pelo Calvinismo, os fiéis foram se direcionando às atividades econômicas. O trabalho deveria ser produtivo e contínuo, pois a preguiça era pecado. Era fundamental melhorar o relacionamento com os clientes, conquistando-os: Weber, inclusive, dá o exemplo do atendimento do pedido perfeito como forma de manter a fidelização de clientes. Os adolescentes e jovens dividiam seu tempo entre os trabalhos e os estudos, qualificando-se para ocupar posições de responsabilidade e bem remuneradas nas empresas capitalistas; as famílias protestantes burguesas abriam mão do consumo de luxo e investiam seus recursos em novas atividades produtivas. Dessa forma, a ética protestante incentivava os devotos a terem uma vida austera, dedicada ao trabalho e à oração – e conseqüentemente os fazia enriquecer.

Toda essa devoção à formação técnico-educacional e ao trabalho especializado deu forma ao conceito de “espírito do capitalismo”, que objetiva primeiramente o aspecto profissional, mas sem deixar de fora a formação ética e comportamental. Inclusive, em muitas instituições de ensino, na atualidade, a questão comportamental tem sido tema de debates para contribuir na formação do estudante. Muitas adotarem sistemas de avaliação que não estão baseados apenas na nota que o aluno tira na “prova” e sim num conjunto de parâmetros avaliativos com pesos distintos, conforme os critérios de cada instituição³⁹. Esse conceito avaliativo surge da consciência por parte das organizações de que, para a contratação de uma pessoa, não importam somente os seus conhecimentos técnicos: muitos são contratados pelo conhecimento e habilidades que possuem, porém são dispensados pelo comportamento inadequado num ambiente de trabalho⁴⁰. Preocupadas com isso, as instituições criaram métodos avaliativos para

³⁹ As notas das provas continuam a ser um dos critérios avaliativos. É determinado um peso para as avaliações, como por exemplo, peso 7; portanto, se o aluno obtiver 10 em todas as avaliações, ele será considerado um aluno 7, pois ficam faltando outros critérios. Neste conceito são avaliados: domínio do conteúdo ministrado averiguado através de realização dos exercícios apresentados em sala de aula; apresentação de trabalhos; participação oral (manifestação de conteúdos) durante as exposições de conteúdos; resultado da aplicação de avaliações. O segundo peso é o da avaliação procedimental, peso 2, que envolve a participação do aluno durante as aulas sempre que isso for solicitado pelo professor, participação espontânea, habilidade e disposição para executar tarefas práticas referentes à dinâmica da aula, cumprimento de prazos, responsabilidade e participação no desenvolvimento dos trabalhos em grupo, participação das atividades extra-classe: visitas externas, palestras etc. Por último e para fechar a nota 10 do aluno, com peso 1, vem a avaliação atitudinal, que envolve atitudes de respeito para com os colegas de classe e para com o professor, postura em sala de aula – disposição para aprender, atitudes de auxílio aos colegas, comprometimento nas atividades que envolvem grupos de pessoas e atitude de respeito nas visitas externas, eventos do colégio etc. Esse conceito é utilizado pelos professores do Colégio Politécnico de Sorocaba – Jornal Cruzeiro do Sul – FUA, registrado nos planos de ensino.

⁴⁰ “No Brasil, a entrada em cena do desemprego estrutural - no início dos anos 90 - atingiu diretamente a área mais industrializada do país, localizada na região centro-sul, principalmente em São Paulo. Informação da Fundação Seade-Dieese, em janeiro de 1998, aponta que a taxa de desemprego da grande São Paulo foi de 16,6% da população economicamente ativa - contra 13,9%

educar novamente esse funcionário. Pois bem, as igrejas reformadas, e em especial a calvinista, já manifestavam seu comprometimento com essas questões.

A difusão da Reforma religiosa e do sistema capitalista evidentemente não eliminou a pobreza. Enquanto uns prosperavam, outros continuavam a viver sem qualquer perspectiva por causa da situação social e financeira em que se encontravam. Isso refletiu-se nos adeptos do Pietismo, formado por pessoas simples, com um sistema de vida religioso fortemente demonstrado em suas atitudes diárias, que na maioria dos casos ocuparam posições menos favorecidas que os calvinistas na sociedade capitalista. A hegemonia do mercado contribuiu para a geração do chamado “desencantamento do mundo”, conceito criado por Weber. No entanto, Walter Benjamin, dando seqüência a Baudelaire, fala que na verdade não houve um desencantamento do mundo; apenas adveio o “Capitalismo como Religião”, a entronização da mercadoria e, portanto, do consumo, abrangendo agora o mercado religioso. De certo modo, assistiu-se a uma retomada da questão das indulgências, comercializadas nos séculos XV e XVI pela Igreja Católica. Lutero colocou a venda das indulgências como um dos fatores que levaram a religião católica ao caos, e que, por isso, precipitaram a Reforma.

Esta situação vem refletir na religiosidade contemporânea, na questão do culto religioso como mercadoria através do sistema midiático. Propostas de salvação levam uma massa de pessoas a deixar sua identidade de fé, migrando para outras religiões, muitas vezes abandonando toda uma história de vida, família, ocupação pela sensação real ou ilusória de terem encontrado um novo caminho espiritual. Muitas vezes o que, a priori, seria uma explosão transformadora de vida, acaba sendo uma mudança que leva ao isolamento, devido ao abandono pelo próprio indivíduo daquilo que veio formando sua identidade.

Não é dizer que o indivíduo não possa fazer escolhas na vida e mudar seu posicionamento ou pensamento em relação a situações e problemas; afinal, o mundo passa por constantes mudanças e o ser humano passa por elas também. O problema é verificar como esse indivíduo age com as escolhas que faz. Podemos concluir com o pensamento de Walter Benjamin: com a modernidade capitalista e a transformação de todas as dimensões da vida em mercadoria – incluindo a dimensão religiosa –, a perda da tradição e da sua autoridade torna-se irreparável, rompe-se o elo entre passado e presente, entre memória e tradição. Pois quando o passado é transmitido, a tradição ganha autoridade, assim como essa autoridade

em janeiro do ano anterior. Ou seja, na região, mais de 1.400.000 pessoas desempregadas. Os números do IBGE indicam que de julho de 1994 - quando foi lançado o Real - a janeiro de 1998 a indústria brasileira eliminou mais de um terço (38%) dos seus postos de trabalho. A situação se agravou a ponto de o índice de desemprego do próprio IBGE, referente às principais capitais brasileiras, para julho de 1998 ter apontado uma taxa de 8,02%, numa média de 7,84% para os primeiros 7 meses do ano.

Dados do IBGE e do IPEA indicam que, nos anos 90, o percentual de trabalhadores empregados com carteira assinada caiu de 53,74% em 1991 para 46,36% em 1997. Por outro lado, os trabalhadores por conta própria cresceram de 21,89 para 24,93% da mão-de-obra no mesmo período, enquanto os empregados sem carteira assinada passaram de 23,18 para 26,08%. Além da ausência das garantias trabalhistas e do ônus de arcar com a contribuição previdenciária, os trabalhadores por conta própria e os informais recebem de 10 a 20% menos pelo seu trabalho que os trabalhadores com carteira assinada.[...] Em grande parte, isso reflete o acúmulo de carências ao longo de várias gerações, cujos efeitos levam ao comprometimento de uma formação adequada que prepare o indivíduo para o mercado de trabalho.” (NUBIATO, 2009)

apresentada se converte em tradição. A tradição transforma a verdade em sabedoria, e a sabedoria consiste na verdade transmissível.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ALVES, Ruben. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 1999.

ARANHA, M.L.A; MARTINS, M. H. P. M. **Filosofando** : introdução à filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: _____. et al. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BURBAGE, R; CAZEMANJOU, J; KASPI, A. **Os meios de comunicação dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: AGIR, 1973.

CATARSE. In: **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Priberam. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

CAMPOS Jr., Luiz de Castro. **Pentecostalismo: as religiões na história**. São Paulo: Ática, 1995.

CHAUÍ, M. S. O retorno do teológico-político. In: CARDOSO, Sérgio (Org.). **Retorno ao republicanismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 93-133.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. **Fundamentação Doutrinária**. Disponível em: <http://www.cristanobrasil.com/index.php?ccb=historia_inicio_no_brasil>. Acesso em: 3 set. 2009.

DANIEL. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 71.ed. Rio de Janeiro: Imprensa bíblica brasileira, 1990.

ECO, Umberto. Cultura de massa e níveis de cultura. In: _____. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ESPINOSA, Baruch de. **Tratado Teológico-Político**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s/d

FADUL, Anamaria. Mídia regional no Brasil: elementos para uma análise. In: FADUL, Anamaria; GOBBI, Maria Cristina. (Orgs.). **Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática**. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FIGUEIREDO, Laura Inês Breda de; COSTA, Sueli da; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Anúncio publicitário**. São Paulo: Fundação Vanzolini, 2006.

- FINLEY, Moses I. **A Invenção da Política**: Democracia e política na Grécia e na Roma republicana. Trad. Jeannie Carlier. Rio de Janeiro: Editora Flammarion, 1983.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- GOBÉ, Marc. **Emotional Branding**. New York: Allworth Press, 2001.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- IBOPE Mídia. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/economia/conteudo.phtml?id=748866>>. Acesso em: 4 ago. 2009.
- IGREJA METODISTA. **Doutrinas**. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/index.jsp?conteudo=5882>>. Acesso em: 3 set. 2009.
- KEPEL, Gilles. **La revanche de Dieu**: Chrétiens, juifs et musulmans à la reconquête du monde. Paris: Le Seuil, 2003.
- KOTLER, Philip. **Princípios de Marketing**. 5.ed. Rio de Janeiro: Prentice/ Hall do Brasil, 1993.
- LACAN, Jacques. **A Estrutura Ausente**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LIMA, Cyntia R. J.; REFKALEFSKY, Eduardo. Posicionamento e marketing religioso iurdiano. In: MELO, José M de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia B. **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- LOPERA, José A.; ANDRADE, José Manuel P. **História Geral da Arte: Pintura II**. Rio de Janeiro: Ediciones Del Prado, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, J. La comunicación en las transformaciones del campo cultural. **Iteridades**, Cidade do México, no 5, 1993.
- MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.
- MATOS, Olgária. **Discretas Esperanças**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.
- MELO, José M de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia B. **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- MESQUITA, Mário. A possibilidade de uma missa. **Público**, Lisboa, 7 jan. 2007. [o título refere-se a uma disposição testamentária de François Mitterrand, admitindo que pudesse ser celebrada uma missa nas suas exéquias fúnebres, como de fato viria a acontecer]

MICHELOTO, A. R. Realidade e perspectivas das tradições religiosas na pós-modernidade. **Interações: Cultura e comunidade**, Uberlândia, vol 3, 2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

NOTEBOOK: Guia do Notebook. **Pesquisa: Americanos estão vendo TV no computador**. Disponível em: <<http://www.notebooks-site.com/blog/pesquisa-americanos-estao-vendo-tv-no-computador/>>, referente ao site <<http://www.choicestream.com/>>. Acesso em: 22 ago. 2009.

NUBIATO, Mônica. **O avanço do desemprego no Brasil**. Disponível em: <<http://monicanubiatodeimproviso.blog.terra.com.br/page/2/>>. Acesso em: 22 ago. 2009.

PATRIOTA, Karla R. M. P. Nós temos o que você precisa. Uma reflexão sobre a religiosidade midiática na sociedade de consumo. In: MELO, José M de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia B. **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

PENTEADO, J. R. Whitaker. **A Técnica da Comunicação Humana**. 8.ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.

PERNIOLA, Mário. **O sex appeal do inorgânico**. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

PIERRAT, Alan B. **O Evangelho da Prosperidade**. São Paulo: Sociedade Religiosa, Vida Nova, 1993.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **O Desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2005.

RAMOS, José Mário Ortiz. **Televisão, publicidade e cultura de massa**. São Paulo: Vozes, 1995.

RIBEIRO, Renato Janine: **Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. **A Ética na Política**. São Paulo: Lazuli Editora, 2006.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Linguagem autoritária: Televisão e persuasão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SOUSA, L.A. Secularização em declínio e potencialidade transformadora do sagrado. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, 1986.

TAYLOR, F.W. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1987.

WEBER, Max. **A ética protestante e o Espírito do Capitalismo**. 7.ed. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1992.

WHITE, Ellen G. **O Grande Conflito**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. 1974.